

o horizonte vermelho & outras histórias



beatriz moreira, giovanni vellozo, marina tancredo,
miguel siqueira e tássia o. kollnberger (orgs.)

Beatriz Moreira, Giovanni Vellozo, Marina Tancredo,
Miguel Siqueira e Tássia O. Kollnberger (orgs.)

o horizonte vermelho & outras histórias

1ª Edição

Florianópolis

UFSC

2019

CAPA Ana Laura Cancelier, Natália Mühlemberg, Tiago Sottomaioir Saccenti e Vítor Pama Krowczuk.

REVISÃO Camila Hickenbick Kobarg da Costa, Carolina Daudt Stein, Cristiano João Gobbi Guilardi, Kristel Hemmer Casagrande, Larah Kuehnrich Biavatti Roncalio, Luna Vanzella e Shelly Rambor.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

H811 O horizonte vermelho & outras histórias [recurso eletrônico] / Beatriz Moreira... [et al.], organização. – 1. ed. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : UFSC, 2019.
295 p.

E-book (PDF)
ISBN 978-65-80460-84-7

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Moreira, Beatriz.

CDU: 869.0(81)-34

PREFÁCIO

Em “O Horizonte Vermelho e Outras Histórias”, estão reunidas as melhores produções dos estudantes da disciplina de Escrita Criativa da Universidade Federal de Santa Catarina. Sob a orientação de Márcio Markendorf e Karine Joulie, neste — atribulado, para dizer o mínimo — segundo semestre de 2019, foi feita uma seleção conjunta dentre os trabalhos realizado ao longo dos últimos meses. Nos 22 contos aqui presentes, as histórias são de fato *outras*, não apenas em relação ao título, mas também entre si. Mundos distópicos e realidade cotidiana, passado e presente, morte e vida, todos se opondo e moldando em conjunto este livro que está a sua disposição.

As narrativas despertaram em nós uma gama de sensações diferentes e, por isso, as organizamos em

certos eixos temáticos. Na primeira parte, intitulada **Mundos**, temos histórias que brincam com o aspecto do real e do imaginário, neste e em outros universos. *O Horizonte Vermelho* serve como um prólogo para nós, seguido da Desterro kung-fu de *A Lâmina Escura*. Há espaço também para o rito bruxólico, em *Intersecção*, e a melancolia de *Fim de Tarde*. Há, também, o sonho lúcido em *Os Dedos da Noite*, o qual, junto de *A Primeira Imagem Repetida* questiona os monstros reais e imaginários. Isso, sem esquecer das relações interpessoais propostas em *Sem Graça*, que muito se assemelha com o nosso mundo.

Já na parte **Morte...**, é o estágio trágico da existência que aparece na violência e na sugestão. Os *Bad Dreams* que prenunciam o conflito (demasiado) familiar e a vingança, que nada tem de conto de fadas, em *Era uma vez em... Little Italy?*. Vimos que a morte não

escolhe cenário: pode aparecer tanto na sessão de cinema em *A mulher passada em Vermelho* quanto no sítio de *Espírito de Porco*. Ela pode ser profissão, e nos fazer refletir como em *A Personificação da Morte*. Também pode se tornar a pior prisão em *Apartamento 505*, ou ser objeto de *Premeditação...* Até se concretizar. Ou não?

Na última seção, **... e Vida**, as relações humanas e seus dilemas são matérias-primas para as narrativas. Para começar, *Vermelhos Pelos Louros* nos traz a quebra visceral do pecado, enquanto *Sobre o que adentra e excede a rugosidade da calçada* apresenta uma correria atípica da vida sacra. *Não Identificado* nos abre os olhos com um prelúdio de ficção científica, para então, *Marbella* nos envolver com sua história de superação, e *Bonde da Meia Noite, Que Vai e Não Volta* questionar as dualidades do ser. *Descompasso* nos apresenta quem não quer mais estar aqui, ao passo que *Um Pano de Guardar*

Confetes explicita a impiedade do relógio da vida. *Marcado com um X* conclui *Horizonte Vermelho e Outras Histórias* com o embate de estratégias antagônicas e nos lembra do que é colocar o X no lugar certo.

Daqui em diante, o horizonte é todo seu. Dos organizadores, uma boa leitura!

Beatriz Moreira

Giovanni Vellozo

Kristel Hemmer Casagrande

Larah Kuehnrich Biavatti Roncalio

Miguel Siqueira

Tássia O. Kollnberger

SUMÁRIO

Mundos

O Horizonte Vermelho	14
Larah Roncalio	
Lâmina Escura	21
Lucas Jacques	
Intersecção	39
Shelly Rambor	
Fim da Tarde	56
Mariane da Silva	
Os Dedos da Noite	64
Luna Vanzella	
Sem Graça	69
Vitor Pama Krowczuk	
A Primeira Imagem Repetida	79
Carolina Daudt Stein	

Morte...

Bad Dreams	91
Cristiano Gobbi	

Era uma vez em... Little Italy?	96
Tiago Sottomaior Saccenti	
A mulher passada em Vermelho	117
Beatriz Moreira	
Espírito de Porco	124
Sérgio Anansi	
A Personificação da Morte	129
Kristel Hemmer Casagrande	
Apartamento 505	150
Matheus Ferreira	
Premeditação	163
Giovanni Vellozo	

... e Vida

Vermelhos Pelos Louros	181
Sofia d'Ávila	
Sobre o que adentra e excede	
a rugosidade da calçada	202
João Vitor Antunes Camargo	
Não Identificado	214
Ana Laura Cancelier	
Marbella	224
Marina Tancredo	

Bonde da Meia-Noite, Que Vai e Não Volta	237
Natália Mühlemberg	
Descompasso	258
Camila Hickenbick	
Um Pano de Guardar Confetes	263
Miguel Siqueira	
Marcado com um X	284
Tássia Kollnberger	

Mundos

Prólogo

O Horizonte Vermelho

LARAH RONCALIO

Por entre as frestas das cortinas, que escondem as grandes vidraças espalhadas por toda a sala da enorme mansão, entram feixes de luz. A coloração avermelhada se alonga pelo ambiente, alcançando cada decoração de cristal reluzente exposta, passando pela imponente escadaria ao centro e chegando ao relógio delicado na parede, que marca seis horas. Na mesinha embaixo do relógio está um telefone que toca insistentemente. O barulho ecoa até a área de convívio, em frente a uma grande lareira detalhada, onde há uma mesa de vidro e um conjunto de sofás. Sentados em um dos sofás estão dois jovens adultos, uma moça e um rapaz, lado a lado. Seus olhos percorrem a sala de forma melancólica, mas, ao mesmo tempo, carinhosa, demonstrando afeição pela mansão.

O HORIZONTE VERMELHO

Junto ao ruído estridente do telefone, diversos outros barulhos perturbam o ambiente, vindos do lado de fora. Vozes berrando ordens, passos rápidos e fortes, choros e sons de motor sobrevoando o local são os mais perceptíveis, mas não parecem incomodar os dois jovens, que permanecem centrados em sua observação.

As cores do ambiente mudam, passando para um vívido amarelo com um pouco de azul, e não se vê mais os dois jovens ou se escuta os altos sons antes frequentes. Um casal, um homem e uma mulher, caminha em direção à porta de entrada, que é aberta para mostrar uma senhora de feições severas e frias. A senhora empurra para frente duas crianças encolhidas uma contra a outra, apreensivas. O casal se entreolha e sorri, a mulher

LARAH RONCALIO

estende a mão para elas gentilmente. Na sala, as duas crianças são recebidas por muitas outras, todas com semblantes felizes, que correm para abraçá-las. Pela porta, várias crianças de tamanhos e formas diferentes entram e saem, enquanto na sala outras correm e brincam. Na mesa de vidro, o casal joga cartas com algumas delas, todos dando risadas. As duas crianças trazidas pela senhora rígida crescem, ficando mais velhas, enquanto o entrar acanhado e o sair sorridente de outras pela porta continua. As duas crianças, agora uma moça e um rapaz, se encontram ao lado de uma cama onde o homem do casal gentil, já senhor, está deitado, tossindo. A arquitetura e estética demonstram que o quarto é dentro da mesma mansão. O senhor fala, com dificuldade:

O HORIZONTE VERMELHO

– Vocês sabem... Essa casa foi nossa maior felicidade, minha e dela. Não por questões materiais, mas por ter dado tanto aconchego, sorrisos e oportunidades a crianças que nunca imaginariam tê-los novamente. Por nos ter permitido conhecer tantos pequenos que nos ensinaram mais do que poderíamos desejar. Por ter colocado em nossas vidas vocês dois... Sim... Muitas coisas aconteceram aqui. E é por isso que peço, por favor, cuidem dessa casa da mesma forma como ela cuidou, como eu cuidei... Com amor. – Os dois jovens se abraçam com força, chorando.

De volta à sala, a coloração vermelha retorna ao local, onde a moça e o rapaz continuam sentados no sofá em frente à lareira. Eles se olham, conformados. O telefone insistente para de tocar

LARAH RONCALIO

abruptamente. Os dois levantam e caminham lentamente em direção à porta de entrada, juntos, e saem para o completo caos do lado de fora. Os barulhos ensurdecedores tomam conta da atmosfera, tropas de soldados correm para todos os lados, aviões esquadrinham o território, famílias aos prantos são levadas para uma mesma direção, não visível o destino final. O rapaz encosta no batente da porta e a moça se senta sobre o largo corrimão da escadaria de entrada, os dois somente olhando para a linha onde o céu toca o chão. Lá, ao longe, enormes torres de fumaça se erguem da silhueta da cidade vizinha em chamas, deixando o horizonte completamente vermelho. Mais alto, no céu do pôr-do-sol, uma linha branca corta o céu e rapidamente se aproxima.

O HORIZONTE VERMELHO

Os dois jovens respiram fundo, pacificamente, e dão as mãos. Seus olhos, antes no horizonte, agora se fecham.

LUCAS JACQUES

O dia está ensolarado, uma mulher asiática está na varanda de sua casa olhando para o horizonte. Ela entra com um sorriso e um olhar pensativo. Na sala de estar, ela pega do suporte da parede uma das três katanas e retira a bainha, olhando com admiração a lâmina escura, colocando-a onde estava em seguida. Ao sentar-se no sofá, ouve um barulho vindo de fora. Ela franze a testa e começa a prestar mais atenção no som ambiente. Ela vai para fora, olha o mar mais uma vez e vê um barco com uma vela amarela. Corre para a sala. Há três homens, e um deles está com a katana escura.

— Larguem essa espada! — grita a mulher para os homens — Se querem continuar inteiros, deixem ela onde estava.

A LÂMINA ESCURA

— Matem a Michiko — diz o que estava com a espada.

Os outros dois partem para atacar Michiko, que se defende com muita agilidade. Ela os golpeia fazendo com que se afastem, em seguida, pega as outras duas katanas do suporte. Os dois ladrões e Michiko lutam novamente. Ela corta o braço de um com a espada da mão direita e perfura o peito do outro com a da esquerda. O ladrão armado da lâmina escura a golpeia com a mão aberta em sua barriga fazendo com que a mulher atravesse a parede da sala. No outro cômodo, no chão, ela está um pouco desnorтеada. Então levanta e vê que os ladrões foram embora. Michiko olha para o mar com raiva.

LUCAS JACQUES

— Tenho que ver o Kif — diz ela depois de respirar fundo.

Michiko, depois de todo o incidente, arruma a casa. No outro dia de manhã, ela prepara uma mala de viagem. Michiko vai até o terminal, com aparência de abandonado, caminha até o guichê e pede:

— Uma passagem para Desterro, por gentileza.

— A cidade em ruínas? Tudo bem, 15 créditos, senhorita. Tem um ônibus que partirá em meia hora, pode ser? — diz o atendente.

Michiko diz que sim, faz o pagamento e hesita:

A LÂMINA ESCURA

— É... eu tenho uma pergunta. Por acaso você sabe onde fica a lanchonete Xing-Fa, em Desterro?

— Sei, sim, é uma ótima lanchonete. Quando você desembarcar na rodoviária, verá uma das três pontes destruída. A lanchonete fica perto dela, e há uma avenida que vai da rodoviária até a ponte. Você sai da rodoviária, vira para esquerda e segue reto toda vida.

— Muito obrigada, moço. Até mais.

Ela, então, embarca no ônibus. Dorme durante toda a viagem e só acorda minutos antes do desembarque. Quando sai da rodoviária, Michiko olha para a esquerda e segue as instruções do atendente até chegar à suposta lanchonete que queria.

LUCAS JACQUES

— Aqui é a Xing-Fa, certo? — pergunta ela ao garçom. — O ponto de encontro dos caçadores de recompensa?

— É, sim. Forasteiros geralmente não sabem dessa informação... — responde surpreendido. — A senhorita vai querer degustar alguma coisa

— Sim, uma porção inteira de batata frita — responde ela de um jeito debochado.

Enquanto degusta as batatas, um jovem negro, alto e magro, de porte atlético, entra. Ele usa uma calça com proteção no joelho, uma camiseta de manga curta extragrande com capuz e uma proteção de metal, que vai do começo do antebraço até a mão. Seu traje é dividido entre duas cores, roxo e preto, por uma linha que atravessa o lado direito do seu

A LÂMINA ESCURA

corpo, desde o ombro até o tornozelo. Carrega consigo duas katanas nas costas.

— Mã... Michiko — diz o garoto que acabou de entrar.

— Oi Kif, quanto tempo — diz Michiko sorridente ao ver o rapaz.

Kif senta-se na mesa em que ela está.

— Então... O que te traz pra Desterro? — pergunta Kif com timidez. — É totalmente inesperado te ver aqui.

— Primeiro, eu estava com saudades de você e sei que daqui um mês você faz aniversário. Segundo, o presente que eu estava preparando foi roubado e acho que sei quem foi.

— Suponho, então, que você não veio só pra matar a saudade?

LUCAS JACQUES

— Não. Nós vamos pegar o cara juntos. E já adiantando: você não será pago. Quero ver se o aprendiz que treinei desde pequeno está aplicando bem o que lhe ensinei.

— Ok, então – diz Kif rindo. – Como você sabe quem é?

— Ele sabia o meu nome e que aquela katana era especial. Ela é feita do meteorito que caiu na Terra durante O Grande Colapso. Poucas espadas foram feitas do material, uma lâmina originada dele é capaz de cortar qualquer coisa.

— Aí nasceu a Ordem dos Espadachins, – diz Kif complementando a fala de Michiko – para auxiliar na construção de um mundo melhor e evitar que aconteça outro evento genocida.

A LÂMINA ESCURA

— É, mais ou menos isso — diz Michiko rindo de canto.

— E o suspeito é da Ordem? — pergunta, meio desconfiado.

— Isso, ele tem ligação com o grupo separatista que não quer a restauração da democracia, por considerarem sua má efetivação uma das causas d'O Grande Colapso — diz Michiko numa mudança de tom brusca.

— Ele? Ele quem?

— Você vai saber na hora. Come aí a batata.

Depois da conversa, os dois degustam a batata frita. Kif ainda parece um pouco constrangido com a presença de Michiko.

— Então, quer dizer que você treinou ele desde pequeno? — pergunta o garçom.

LUCAS JACQUES

— Você ouviu toda a conversa, Xing?! — pergunta Kif.

— Yeap, Kif é uma das milhares de crianças que ficaram órfãs pelo genocídio. Eu o adotei e praticamente o criei como filho — responde Michiko ao Xing. — Espera aí, seu nome é Xing-Fa? Pensei que era só da lanchonete.

— Bem, na verdade, é um pseudônimo pro negócio da recompensa, eu sou o mediador — responde Xing, se exibindo.

Depois da fala de Xing, Michiko e Kif terminam de comer a batata frita e saem do restaurante. “Nos encontraremos aqui amanhã cedo para nossa missãozinha”, diz Michiko. Kif responde positivamente com a cabeça.

A LÂMINA ESCURA

No dia seguinte, o céu está nublado em Desterro. Kif é o primeiro a chegar na lanchonete. Ele está usando as mesmas roupas do dia anterior, mas com uma combinação agora azul e preta. Enquanto Kif escolhe a próxima música no seu iPod, Michiko chega no estabelecimento. Ela usa um sobretudo preto com um símbolo vermelho de duas espadas cruzadas nas costas, uma blusa cinza por baixo, calça preta e uma bota também preta com detalhes em vermelho na sola.

— Tá pronto, garoto? — pergunta Michiko, entusiasmada.

— Claro que sim, sensei — responde Kif, também entusiasmado.

— Bem, a Ordem fica em uma ilha artificial a leste de Desterro, ou seja, vamos de barco.

LUCAS JACQUES

— Ah, sério? Pensei que íamos andando — diz Kif em tom debochado.

— Você com esse seu humor irritante — responde Michiko colocando o braço no ombro de Kif. — Qual música você está escutando?

— “Battlecry”, do Nujabes.

Os dois então vão até o porto da cidade de Desterro. No local, Michiko aluga um barco com uma vela amarela. “Acorda garoto, já passou meia-hora, estamos chegando, dá pra ver a ilha”, diz Michiko a Kif, que está se espreguiçando. Na ilha, há uma torre espelhada com peças de metal a envolvendo, fazendo-a parecer com uma grande espada dos tempos medievais.

— Caraca, esse lugar é lindo — diz Kif, chocado.

A LÂMINA ESCURA

— Talvez não fique tão lindo assim depois que a gente acertar as coisas — diz Michiko num tom sério.

A dupla desembarca e caminha em direção à entrada da torre. Na porta, há dois guardas com aproximadamente dois metros de altura, cada um com uma espada quase tão grande quanto Kif.

— Eu preciso falar com Calum — diz Michiko a um dos guardas.

— Ele está te esperando.

Chegando no hall da torre, Michiko e Calum se encaram, os outros guardas do lugar se aproximando da dupla.

— Olá, querida, como você está bela... Não envelheceu um dia sequer — diz Calum à Michiko, em tom irônico.

LUCAS JACQUES

— Devolva a espada e saia da Ordem hoje mesmo — diz Michiko, em tom ameaçador.

Os outros membros não fazem nada, só observam. Michiko olha para todos eles, afirmando com a cabeça. Kif está com a mão preparada para desembainhar a sua espada. Michiko corre até Calum, acertando-lhe com um soco. Cinco guardas atacam Kif, mas ele desvia de todos os golpes. Como contra-ataque, ele corta membros diferentes de cada guarda, deixando-os impossibilitados de lutar. Michiko e Calum estão em um combate acirrado. Kif corre em sua direção para ajudá-la, mas ela faz sinal para que pare. Michiko sofre um corte nas costas. Ela se irrita, respira fundo e ataca, acertando Calum com dois chutes na cara, deixando-o desnorreado. Ela corta-lhe os braços, que caem no chão.

A LÂMINA ESCURA

— Você perdeu — diz Michiko com uma respiração ofegante —, está expulso da Ordem por conspirar contra nós.

— Eu não serei o último — Calum diz, e começa a gargalhar. — Essa restauração do mundo é uma grande mentira.

Michiko dá-lhe um chute na cara e ele desmaia. Ela vai até a cadeira de Calum e pega a espada prometida à Kif, sorrindo.

— Queria que nosso encontro fosse mais tranquilo — diz Michiko, olhando para Kif com admiração. — Aqui, essa espada é sua.

— Eu não sei nem o que dizer, não sei se sou merecedor... sou um caçador de recompensas — diz Kif com um olhar triste.

LUCAS JACQUES

— Olha para mim, você merece, sim. Seu papel como caçador é importante, os oficiais da lei e as outras ordens não dão conta de conter todos os crimes — diz Michiko com a mão no rosto de Kif. — Aliás, se quiser, tem um lugar para você aqui na Ordem.

— Tá bem, obrigado... Obrigado por tudo — diz Kif, segurando o choro.

Os dois se abraçam. Kif é apresentado para os membros da Ordem. Calum é levado à prisão ainda desacordado. Kif cumprimenta cada um com certa timidez. “Caçador de recompensas, nos fale sobre suas aventuras... garoto”, disse um dos espadachins, sorrindo e com a mão no ombro de Kif.

A LÂMINA ESCURA

— Já tá na hora — diz Kif à Michiko. — Talvez eu continuando como caçador possa ajudar vocês contra esses caras da conspiração.

— Estou tão orgulhosa de você — diz Michiko sorridente. — Essa sensação de dever cumprido é maravilhosa.

Os dois partem para um abraço de despedida e ficam juntos mais tempo do que o esperado.

— Eu te amo, filho — diz Michiko à Kif.

— Eu também te amo, mãe.

Kif vai até o barco, olha mais uma vez para Michiko e acena, ela responde acenando também. O barco começa a mover-se, Michiko continua olhando, mas não segura o choro. Fica olhando para

LUCAS JACQUES

o barco até ele sumir no horizonte. Ela sorri,
enxugando as lágrimas, e volta pra torre.

SHELLY RAMBOR

Era fim de maio, o vento soprava gelado indicando que o inverno se aproximava. Bruna e Sophia, entretanto, no auge de seus doze anos, passavam as tardes correndo e fingindo serem guerreiras impiedosas no extenso campo que havia nos fundos da casa da primeira, até o Sol baixar e o frio se tornar insuportável. Naquele dia, porém, ambas decidiram permanecer no mundo da fantasia em que se encontravam por mais tempo.

“Por que a gente não vai ver o rio?” Bruna propôs, e foram. Andaram alguns minutos com o céu alaranjado em suas costas até alcançarem a área onde as árvores se erguiam, contorcidas, indicando a presença do corpo d’água. Passaram ao lado do galho seco que marcava a entrada da pequena trilha, identificado com um lenço vermelho amarrado em

INTERSECÇÃO

sua ponta, e continuaram marchando pelo caminho estreito.

Enquanto andavam, as duas relembravam os melhores momentos do dia e riam alto, sem se preocupar com ter alguém por perto... Afinal, o único sinal de vida ali presente, além das delas, era a meia dúzia de vacas que pastavam, calmas, a uns cem metros de distância.

Bruna, com os cabelos laranja balançando, ia na frente guiando Sophia, e ambas já choravam de rir quando alcançaram o rio, que se movia devagar e escuro sob o céu agora azulado. Continuaram andando e rindo, porém um tanto mais atentas, junto ao curso do leito por alguns minutos, até que Sophia pareceu ter ouvido um barulho vindo de trás.

SHELLY RAMBOR

“Tu ouviu isso?” perguntou, baixinho, para a amiga. “Parecia um galho quebrando...”

“Será que a gente devia voltar?” Bruna devolveu a pergunta, sem parecer muito tensa. “Eu queria só alcançar o ‘Y’ antes de ir, mas se você quiser, a gente volta agora”.

“Não, tá tudo bem, acho que não foi nada...” a garota respondeu, tentando se convencer de que aquilo havia sido apenas resultado da sua mente fértil.

Caminharam até a intersecção do rio – que chamavam de “Y” por lembrar a forma da letra – sem nenhuma outra interferência sonora. Usavam a lanterna do celular de Sophia para iluminar as folhas e galhos secos no chão, para evitar que pisassem onde não deviam, e cantarolavam junto ao

INTERSECÇÃO

aparelho uma música da banda The Lumineers que haviam descoberto recentemente. Perto do refrão, um sino soou rapidamente e a luz se foi. “Bateria fraca”. As duas meninas, agora sentadas em grandes pedras ao lado do rio, se entreolharam e soltaram uma risadinha nervosa digna de quem sabia estar ignorando os sinais do universo.

“Acho melhor desligar a música também, pra gente pelo menos ter bateria pra iluminar a volta com a tela do telefone” disse Sophia, logo em seguida guardando o eletrônico no bolso esquerdo e respirando fundo pelo medo que começava a se instalar nos cantos de sua mente.

Demorou alguns minutos para que seus olhos se acostumassem com a escuridão que se assentava, mas o brilho da lua cheia que refletia na

SHELLY RAMBOR

água reconfortava as duas figuras ali paradas, como um elemento de segurança em que ambas confiavam piamente para guiá-las de volta.

O único som que as garotas ouviam era o do rio se movendo sobre pedras e galhos na margem, devagar, mas constante, e do vento que começava a soprar cada vez mais frio, assobiando e varrendo as folhas para cima de seus sapatos... Até que outro chamou a atenção de Bruna.

“Tá, eu tenho quase certeza que ouvi madeira quebrando agora” disse, tentando parecer calma.

“Eu também ouvi.” Sophia respondeu e, contra todos os seus instintos, girou a cabeça para trás na direção do som. Varreu os olhos pela escuridão e, sem saber se feliz ou infelizmente, não

INTERSECÇÃO

encontrou nada. “Vamo embora.” E puxou a amiga pela mão pelo caminho que haviam percorrido há pouco.

Andaram cerca de dez minutos, a passos curtos e apressados em meio a tropeços e pequenos saltos, até onde devia estar a saída da trilha, mas tudo o que elas viam eram duas pedras grandes, muito semelhantes às que, antes, ambas estavam sentadas sobre. Nenhuma delas ousou verbalizar seus pensamentos, mas sabiam que estavam pensando o mesmo. Quase num movimento sincronizado, Bruna e Sophia olharam para o rio à esquerda e avistaram o que não queriam que fosse verdade: o ‘Y’.

Acima dos barulhos de água correndo, do vento e agora dos galhos que rangiam por todo lado,

SHELLY RAMBOR

as meninas podiam ouvir o som de passos sobre folhas secas se aproximando, mas em uma tentativa clara de se fazer imperceptível. Junto com o som, era possível sentir no ar um aroma de ervas encher suas narinas, cítrico e amadeirado, que ficava mais forte a cada segundo. A respiração pesada das duas e o som do sangue pulsando próximo das orelhas provocavam a sensação de não estarem vivendo algo real.

Bruna, então, fingiu atender o telefone da amiga, pensando que talvez quem quer que estivesse ali se afastaria.

“Oi, mãe! Sim, tá tudo bem... Tô aqui com a Soph, perto do rio, mas daqui a pouco voltamos pra casa... Ok, em quinze minutos eu chego...” falou, simulando uma conversa, e em seguida ‘desligou’ o

INTERSECÇÃO

celular. “Minha mãe tá esperando a gente pra janta” soltou, entre um sorrisinho falso, e segurou o pulso da outra para que pudessem percorrer novamente a trilha e sair daquele local.

Mal haviam começado a se mexer e o som das folhas e gravetos estalou a menos de um metro de distância. As duas congelaram. Movida pela adrenalina, Sophia sussurrou “corre” e ambas dispararam em meio às árvores. Não se sabia mais quais passos eram delas e quais eram de seu perseguidor, e mal podiam ouvir qualquer coisa além de seus próprios fôlegos descontrolados. Talvez focaram tanto no movimento de suas pernas que não perceberam a saída da trilha quando passaram por ela, o lenço vermelho amarrado no galho alto balançando com o vento gelado.

SHELLY RAMBOR

Seguiram o caminho por mais alguns minutos, desviando de galhos caídos e de pedras que se acumulavam ao longo do percurso, iluminado apenas pela luz do luar, e não pararam até o ar se recusar a entrar em seus pulmões. Foi aí, quando seus passos desaceleraram, que elas se viram em uma clareira que nunca encontraram antes. O ar parecia denso e pesado ali, e uma neblina branca cobria o ambiente. As duas deram as mãos, preparando-se para o que quer que viesse em sua direção, e respiraram fundo. Levou algumas inspirações para que pudessem sentir o cheiro de queimado entrar em suas narinas. Não era neblina: era fumaça.

Imaginaram que aquele seria um bom local para despistar quem quer que as estivesse seguindo,

INTERSECÇÃO

apesar do cheiro intoxicante, então se entreolharam e, mesmo contra todos os instintos de sobrevivência que podiam ter, adentraram a nuvem cinza que habitava aquela área. As árvores, que nesse lugar eram mais altas e com copas abertas, atuavam como uma abóbada que mantinha toda a fumaça ali.

As meninas andaram atentas por alguns segundos, ainda de mãos dadas, tomando cuidado com o chão pouco visível e tentando perceber se o perseguidor continuava atrás delas, mas se distraíram por algo que penetrava a atmosfera densa. Viam, por dentre os troncos tortos e grossos, uma luz quente brilhar alta e dançante, às vezes desaparecendo por milissegundos. Mesmo assustadas, as meninas continuaram avançando,

SHELLY RAMBOR

movidas tanto pela curiosidade quanto pelo pavor da perseguição.

Conforme chegavam mais perto da fonte luminosa, as coisas começavam a tomar forma. As sombras que eclipsavam a luz eram, agora, figuras humanas de longos cabelos e roupas sem muito recorte, que corriam ao redor de uma grande fogueira ardente e trepidante. Sophia e Bruna se mantiveram escondidas por trás dos troncos para observar a dança e os movimentos ritualísticos das doze mulheres que se moviam ali, tão próximas. Os estalos da madeira queimando mal se podiam ouvir daquela distância, mas os cantos melódicos e risos estridentes ecoavam alto por dentre as árvores, abafando os passos que novamente se

INTERSECÇÃO

aproximavam, suaves, pelas folhas secas que cobriam toda aquela espécie de floresta.

As garotas ficaram ali, hipnotizadas pela cerimônia que espiavam detrás dos galhos, sem ousar desviar os olhos arregalados do culto acontecendo em sua frente até que algo se fez audível, muito perto das duas, e – dessa vez – captou suas atenções. Em um salto mais rápido do que podiam prever, um corpo muito parecido com os que elas observavam ali surgiu dos ares e agarrou a nuca de ambas, cada uma com uma mão. A mulher as observou, confusa, enquanto segurava as duas próxima ao chão, agachada.

“Vocês não deviam estar aqui...” falou, quase num sussurro. “É noite de lua cheia, nunca avisaram que o escuro esconde o perigo?” E as

SHELLY RAMBOR

levantou sem muito esforço, voltando a ficar em pé. Sua voz soava preocupada, por vezes até ofendida pela ignorância das duas jovens, tão desesperadas que nem pensaram em tentar fugir novamente.

A mulher andou a passos rápidos na direção contrária ao fogo, puxando as meninas pelos braços sem falar mais nenhuma palavra. Elas também não falaram. A tensão entre as três figuras se movendo era tão grande que se tornava quase palpável, e os corações das mais novas pareciam poder parar a qualquer momento.

Sophia, enquanto era carregada pela trilha, percebeu a falta de sapatos da mais velha, assim como um símbolo estranho tatuado em seu pulso direito, que apenas despontava por trás do tecido que vestia. Passada a nuvem de fumaça, era possível

INTERSECÇÃO

sentir o mesmo aroma de ervas vindo dela, escapando por debaixo do pano que cobria sua cabeça e corpo, feito uma capa com capuz.

Numa guinada repentina para a esquerda, as meninas se viram frente ao lenço vermelho amarrado à árvore, identificando a saída daquela pequena mata. A mulher parou e se voltou para Bruna e Sophia, inclinando o corpo para frente enquanto falava:

“Vão, e não contem pra ninguém o que viram. Vocês deram sorte de terem esbarrado comigo e não com outra de nós” soltou, intercalando o olhar entre as duas. Assim que reparou na cor alaranjada do cabelo de Bruna, questionou “Quando você nasceu?”.

SHELLY RAMBOR

“31 de Outubro...” a menina disse, quase num engasgo, sentindo o corpo inteiro tremer, “de 1999” concluiu rapidamente. A mulher arqueou as sobrancelhas grossas e sorriu. Tirou o capuz num movimento rápido das duas mãos e revelou também ser ruiva. As garotas se entreolharam em silêncio.

“Quando fizer dezesseis, venha atrás da gente” disse.

“Por quê? E como eu vou encontrar vocês?” Bruna perguntou, em uma mistura de nervosismo e curiosidade.

“Você pode ser nossa irmã, se quiser” sussurrou. “E não se preocupe, sempre estaremos por perto...” Ao falar isso, a mais velha ergueu a manga de sua veste e deixou as duas verem a tatuagem em seu pulso: três espirais que se

INTERSECÇÃO

conectavam, uma tríscele. “Agora, corram, e não voltem em dias de mudança lunar. Entenderam?”.

As meninas concordaram com a cabeça. E correram. E não voltaram.

MARIANE DA SILVA

O Sol preenche o chão da varanda da casa da família Nogueira.

Manuel, o mais velho entre os homens da casa, está em frente ao espelho do quarto, abotoando as mangas de seu terno de linho. Célia, sua esposa, chega até ele segurando uma gravata.

Manoel se vira para que Célia possa colocar a gravata em seu pescoço e olha para os olhos cheios de água de sua esposa. Ele toca gentilmente suas bochechas.

Célia desvia o olhar de seu marido, olhando por cima do ombro enquanto derrama algumas lágrimas na ombreira de seu vestido.

— Esta será nossa eterna tarde serena, não poderia querer outro momento... você entende? —

FIM DE TARDE

Manuel abraça sua esposa, sentindo o cheiro de seus cabelos.

No cômodo à frente, a filha de Manuel chora, o som de sua voz sendo imediatamente abafado ao pressionar sua cabeça contra o peito de seu irmão.

— Por quê, Fael? Por que passar por isso...

— Não seja egoísta, Cristina! — Rafael interrompe sua irmã. — Respeite a decisão de nosso pai... O que mais poderíamos fazer?

As lágrimas de Rafael pingam no rosto de Cristina. Ele a aperta em seus braços.

O sol se aproxima do horizonte, refletindo pela sala através da porta de vidro.

Manuel sai do quarto segurando uma pequena bandeja com uma seringa. Tossindo com

MARIANE DA SILVA

dificuldade, entrega nas mão de Célia a bandeja e caminha até Cristina, que está na sala.

Ele toca no ombro de sua filha fazendo-a imediatamente se calar, virando em direção ao pai. Cristina o aperta em seus braços enquanto derrama lágrimas incessantes dos olhos.

— Vou te ter pra sempre em mim! Sempre!
— diz Cristina.

Manuel sorri enquanto enxuga as lágrimas da filha e eleva a cabeça, olhando para Rafael. Ele a solta, segurando nos braços de seu filho e tocando suas cabeças.

Rafael pega o braço de Cristina e a puxa, abraçando-a por alguns minutos.

Célia caminha em direção a Manoel. Seus filhos se dirigem para a varanda.

FIM DE TARDE

— Obrigada, Célia, por ter compartilhado ao meu lado sua vida... Por se dedicar a viver comigo o nosso momento. — Manuel beija sua esposa apaixonadamente mais uma vez.

— Nunca pareceu tão breve o nosso tempo, não é? — a voz de Célia está trêmula.

— Nunca foi tão eterno o tempo que passou, meu amor... — ele toca sua testa na dela. — Em mil vidas, eu te amo, somente se em todas elas você se amar primeiro. Viva sua vida, viva o seu tempo, ame sua companhia...

Célia pega na mão de seu marido.

— Eu sempre te amarei. E sempre nos reencontraremos... — diz Célia, sorrindo e enxugando as lágrimas.

MARIANE DA SILVA

Manuel começa a caminhar, abraçado com Célia, até a varanda.

Cristina e Rafael estão sentados em cadeiras de sol organizadas de frente para o horizonte. O Sol resplandece sobre os olhos de Manuel, o banhando de calor da cabeça aos pés.

Manuel respira fundo e caminha lentamente em direção à cadeira mais à frente. Ele fica em pé em frente a cadeira e para um momento para olhar em direção às montanhas que cercam o horizonte a vista.

Cristina se levanta, vai em direção ao pai e o abraça mais uma vez, olha em seus olhos, beija sua mão e volta para sua cadeira.

Célia se aproxima com uma almofada e a bandeja.

FIM DE TARDE

Manuel se senta, aconchegando seu corpo na cadeira, ele passa a mão no tecido áspero da cadeira. Em momento nenhum ele diminui o sorriso em seu rosto.

— Desejo que nossos reencontros sejam eternos depois de hoje. — diz Célia, enquanto beija sua mão.

Célia olha para cada detalhe do rosto de Manuel enquanto acaricia com a ponta de seus dedos. O brilho do Sol reluz sobre a pele de seu marido.

Manuel estende a mão para segurar a bandeja, os dedos de Célia endureceram ao tentar entregar a bandeja. Após se olharem por alguns instantes, ela coloca a bandeja no colo de Manuel.

MARIANE DA SILVA

Rafael está no canto, se prepara para colocar uma fita no rádio de seu pai. Ele abre a caixa da fita, “My way — Frank Sinatra”, ele sorri e aperta o play.

O sol se pôs em um profundo silêncio naquela tarde.

LUNA VANZELLA

Foi naquela noite, quando Joana tinha nove anos, que ela apareceu. Joana tinha acabado de ver pela primeira vez o segundo filme da saga de Harry Potter com seus pais e comentava com eles, animada, as suas expectativas para o próximo. Mas já era hora de dormir, portanto foi para o seu quarto. Com a luz já apagada, deu um beijo de boa noite em seus pais e sentou-se na cama. Eles desejaram bons sonhos e fecharam a porta, marcando o início do pesadelo.

Ela ligou o ventilador de mesa, deitou na cama, tirou o pijama, jogou a coberta para longe a chutando para fora da cama, virou o corpo para se ajeitar e fechou os olhos. Estava prestes a pegar no sono quando sentiu uma pontuada de algo com pêlos rígidos e frios encostando em seu rosto. Mais

OS DEDOS DA NOITE

um toque. E outro. E outro. Vários em sequência. O pesadelo começou e Joana permaneceu imóvel, tudo que fez foi começar a chorar. Seu corpo todo contraiu enquanto os toques pousavam e se removiam da sua pele, caminhando pelo seu rosto, descendo pelo seu pescoço. Petrificada de medo, tudo que fez foi esperar que saísse de cima dela.

Os toques, então, desceram do pescoço para a lateral do seu corpo, picadas que penetravam lentamente seu espírito e gelavam sua pele, passeando por ela. O suor frio escorria pelo seu corpo, seu sabor salgado se confundindo com o de suas lágrimas. Então, os dedos agulhados estavam na sua barriga, um deles se colocando no umbigo de Joana e buscando alguma reação. Joana tentou gritar, mas sua boca não abria. Ela estava contraída,

LUNA VANZELLA

fechada com tanta força quanto a de um crocodilo. Seus dentes rangiam e doíam de tanto chocarem uns contra os outros. Ela gritou, mas o som não saiu de sua garganta.

As garras buscaram sua coxa, milhares de pequenos alfinetes que se divertiam se pressionando contra sua derme. Elas se colocaram e se retiraram diversas vezes, caminhando até sua panturrilha. Joana só queria que aquilo acabasse logo, que as unhas terminassem sua caminhada e a deixassem em paz. Quando a mão passou pelos seus pés, ela sentiu mais frio do que imaginou ser possível, o suor escorrendo por todos os seus poros e sem mais lágrimas para chorar.

Aos poucos, ela foi recobrando sua noção e seus sentidos. Aquelas patas espinhentas já não a

OS DEDOS DA NOITE

tocavam mais. Conseguiu abrir sua boca e tentou fazer com que algo saísse, resultando em um falho e rouco suspiro suplicando pela mãe. Tentou mais uma vez, até que, finalmente, o grito saiu. Ela agarrava o lençol da cama em desespero. A porta se abriu e as luzes do quarto se acenderam. Sua mãe correu para socorrê-la, porém, ao tentar acariciar a filha, Joana gritou e estapeou a mão que a encostava, se encolhendo no canto da cama. Ela só conseguia lembrar daqueles dedos aterrorizantes que a apavoraram pelo que pareciam horas. Mas o lado bom dos pesadelos é que eles não existem.

Pena que aquilo não fora um sonho.

VÍTOR PAMA KROWCZUK

— Não, Hogarth. Nada do que eu fui me veste agora. — Disse a mulher do grupo, jogando o rosto levemente para o lado como se estivesse farta. Os cabelos negros na altura da orelha mexeram-se abruptamente com o ato. — Me deem licença. Eu vou ao toalete.

Serena, a moça levantou da mesa do restaurante, causando mais atenção ao seu vestido verde vivo, brilhante, extremamente desenhado. Linhas leves, finas, soltas. Suavemente pelo corpo, o vestido escondia qualquer curva e tirava a atenção de sua barriga e quadris largos, alongava seu tronco como o de uma alta modelo.

Sentado na mesma mesa, um homem fardado retorceu o corpo numa pequena expressão

SEM GRAÇA

de nojo, o que não chamaria tanta atenção se não fossem suas grandes ombreiras brancas com franjas.

— Pois, excelentíssima Srta. Liange, é você quem veste suas roupas ou elas que vestem você? — Retrucou ele.

— Ei. Não fale assim com Melisa. — Disse Hogarth, o homem sentado bem à sua frente, vestido e pintado como um palhaço.

A mulher, Melisa, pausou de pé. Girou seu corpo em direção ao homem fardado, sentando de volta, abrupta, rápida a apoiar seu cotovelo esquerdo na mesa. Seu dedo indicador apontava bem na cara do sujeito.

— Ora, você é que me diga, excelentíssimo capitão Sr. Alceu. — Falou ela, encarando-o friamente nos olhos. — Não sou obrigada a aceitar

VÍTOR PAMA KROWCZUK

sua proposta. Há tempos estou cansada das vestes que você me obriga a usar. Esse maldito collant branco preso a vácuo, as calças mais justas de todo o meu guarda-roupa, quase não passando meus pés toda santa apresentação. Qual a necessidade disso? O que isso interfere na nossa comédia?! Olhe as roupas de Hogarth! Somente a cara pintada, um adorno branco no pescoço e este enorme macacão largo e confortável, assim como os sapatos. Eu vou escolher como vou me vestir! Também não há necessidade de pintar as partes de baixo do meu corpo, elas nem aparecem! Estou cansada de dizer, isto é um absurdo!

Virando para a esquerda, Alceu deu um tapa no ombro do colega encasacado que estava sentado ao seu lado. O homem também era loiro, branco e

SEM GRAÇA

barbado, embora mais magro e de rosto mais fino que o capitão. — Eu te disse, Pérgulo, ela está ficando cada vez mais ousada!

Pérgulo, até então fumando em silêncio, levantou sua boina e olhou para ele.

— Olha... talvez ela esteja certa, capitão. Já conversamos sobre isso, acho que esses detalhes até temos como mudar.

— Obviamente. — Completou Hogarth, sério, enquanto mantinha a cabeça baixa. Sem olhar ninguém nos olhos, fumava um cigarro com seus lábios pintados de vermelho gritante.

Os outros dois olhavam tensos para Alceu, esperando uma resposta. Ignorando o que os homens disseram, ele voltou seu rosto somente para os olhos de Melisa:

VÍTOR PAMA KROWCZUK

— Minha amada, minha musa radiante. Você vai mesmo ter essa ousadia conosco, de decepcionar todo o seu público? Você quer se esconder embaixo de um macacão para quê? Esta cena toda é só porque você engordou, é isso?

Hogarth olhou de canto para Alceu, soltando um rápido riso irônico e debochado, expressando sua discordância e raiva do capitão.

Passaram cinco segundos de silêncio.

A renomada atriz e comediante Melisa Lange levantou bruscamente da mesa. As pessoas observavam atentamente suas ações, enquanto de pé ela proclamou:

— Alceu Pristine, você é mesmo muito sem graça.

SEM GRAÇA

Respirou fundo. Reassumiu a sua costumeira classe e compostura. Levantou o rosto, sorrindo enquanto encarava lugar nenhum. Retirou seu casaco e bolsa do encosto de sua cadeira, evitando olhar para qualquer pessoa do restaurante.

— Srta. Lange, por favor repense, isso tudo pode ser reajustado. — Disse Périgulo com a voz fraca, entretanto, mais uma vez foi ignorado.

Melisa continuou a andar, sem nem reagir, de postura exemplar, como se ela fosse melhor que aquilo tudo, como se ela não se afetasse mais.

— MELISA! — Gritou o capitão.

Porém de nada servia. Todos olhavam para ele, ele olhava para Melisa saindo pela porta.

Passaram mais cinco segundos de silêncio.

Hogarth levantou o rosto.

VÍTOR PAMA KROWCZUK

— Você é um merda, Alceu. Um merda. É assim que você vai tratar a mãe do seu futuro filho?

— Hogarth... Hogarth! O que você quer dizer com isso? — Replicou o capitão, visivelmente assustado.

— Como assim o que eu quero dizer, você não sabe? Ela até disse que hoje usaria um vestido especial, feito para valorizar seu novo corpo.

— Valorizar?! Valorizar o quê? Vestido horroroso, escondendo as curvas que Deus a deu. — Retrucou o capitão para Hogarth.

Pérgulo olhou intrigado para os dois, os olhos arregalados e reflexivos.

— Alceu... — Respirou Hogarth, expressando cansaço. — Melisa não te contou que está grávida?

SEM GRAÇA

— O quê?! — Exclamaram Alceu e Pégulo praticamente ao mesmo tempo.

O capitão, mais branco que o usual, travou para uma respirada mais profunda. Seu rosto estava mais branco que a pintura do homem palhaço, era possível ver sua vida passando diante de seus olhos. Mais uma vez o homem inspirou profundamente, buscando todo o ar que conseguisse, dessa vez sendo ele quem levantou atraindo a atenção de todo o restaurante com um berro:

— Grávida?! MELISA ESTÁ GRÁVIDA?!

Pégulo deu um tapa em sua própria testa.

Hogarth, soltando uma gargalhada rouca, levantou-se para fumar próximo da varanda. As lanternas orientais espalhadas pelo local até balançavam, enquanto se escutava o restaurante

VÍTOR PAMA KROWCZUK

inteiro repetindo as palavras “grávida” e “Melisa”.

Capitão Alceu, de súbito, desmaiou.

CAROLINA DAUDT STEIN

Mais uma noite correndo euforicamente para os braços de quem lhe protege. Passando novamente pelo escuro e extenso corredor que liga todos os cômodos sombrios do velho apartamento de sua avó. Por ser antigo, a sensação de Catarina é de que ele já viveu diversas histórias, das mais alegres até o porto das mais profundas tristezas. Em todos os locais há fotos de seu falecido avô e tios, cada um teve um final diferente e ela jamais pôde conhecê-los. Tudo que imagina sobre eles provém desses retratos e histórias contadas. O apartamento fica em uma parte central e bem movimentada da cidade, portanto, o feixe de luz noturna que entra pelas janelas, passando pelas inúmeras plantas da sala, propaga sombras surreais na parede. Para Catarina, que estava prestes a fazer seis anos, essas

A PRIMEIRA IMAGEM REPETIDA

imagens assemelham-se com monstros de longos braços e garras enormes; na sua cabeça, certamente querem raptá-la, mas não é capaz de imaginar qual poderia ser o seu destino final.

Durante essa intensa travessia pelo corredor é quando a garota sente a presença de mais pessoas e passa a sentir calafrios e um peso nos ombros, como se houvesse algo, ou alguém, grudado em suas costas. Jura que é possível sentir até a respiração ao lado de seu ouvido. Ela começa a andar mais rápido para chegar o quanto antes onde está sua mãe, porém não pode correr demais, caso contrário, o atrito entre os antigos tacos escuros no chão, a cada passo dado, promoveria um ruído alto e agudo. Então, nesse mesmo instante, Catarina não fala nada, apenas gesticula a boca, pensando: “não posso

CAROLINA DAUDT STEIN

fazer barulho, não posso fazer barulho, não posso fazer barulho... ou então, incomodarei quem está querendo me raptar”. Não, ela não sente a preocupação de acordar alguém que está dormindo. Seu maior medo é perturbar a entidade maligna que visita constantemente o seu subconsciente enquanto dorme no quarto de sua avó, e que agora estaria lhe perseguindo pelo apartamento tentando impedi-la de ir até o outro lado, onde está a despensa. Para isso teria de passar pelo corredor que tinha todas as portas de quartos e banheiros, além da sala de estar, cozinha, lavanderia e aí, finalmente, chegaria no “quartinho dos fundos”, como sua família costuma chamar.

Catarina está muito confusa. Por que está sentindo isso de novo, mesmo sabendo de todos os

A PRIMEIRA IMAGEM REPETIDA

obstáculos que sua imaginação é capaz de projetar e sentir? Quem é o ser que lhe perturba de madrugada e, inconscientemente, faz com que ela sinta à vontade de se sentir protegida ao lado de sua mãe? Obviamente, não é a primeira vez que ela acorda no meio da noite com os mesmos sentimentos e a mesma imagem em sua cabeça, mas desta vez não conseguiu se conter, as cobertas que ela se escondia por baixo já não eram suficientes. Nada tirava a imagem aterrorizante de sua cabeça. Apenas se repetia incontáveis vezes a cena de uma mulher loira, com aproximadamente 45 anos, gritando furiosamente na sua cara e fisgando seus olhos de raiva a um palmo de distância da garota:

— SUA DESGRAÇAAAADA! — gritava a mulher gesticulando perfeitamente sua boca em

CAROLINA DAUDT STEIN

cada vogal pronunciada — Você não vai mais me assombrar! Vou pegar minha tesoura...

Então, seu sonho era cortado exatamente nessa fala e nessa imagem.

Apesar de querer passar o mais rápido possível por esses lugares, Catarina observa cuidadosamente a escuridão dos cômodos que atravessa, para se certificar de que não há nada naqueles lugares. Entretanto, ela fica cada vez mais desconfiada conforme vai se aproximando do quartinho dos fundos. Cautelosamente e quase parando, ela chega no início da sala de estar. “Ufa! Já passei de todas as portas do corredor, estou cada vez mais perto de estar segura” pensou Catarina. Porém, ela sabe que após passar pela porta do corredor, onde ao lado há um retrato antigo de seu

A PRIMEIRA IMAGEM REPETIDA

avô, as sensações voltam cada vez mais sinistras. Agora, ela enxerga as sombras das plantas na parede, mal consegue olhar, está gelada de tanto pavor e medo, a falta de ar passa a ficar mais intensa. Ela olha para cada móvel que constitui aquele espaço. É uma mobília muito antiga, o sofá parece ter vindo diretamente de um leilão de antiguidades e as estantes escuras de madeira velha causam a dúvida do que poderia estar se escondendo por trás delas. A vontade de Catarina é de gritar socorro, mas é tomada pelo medo do que poderia acontecer se gritasse, então, a garota permanece calada e quase imperceptível naquela escuridão.

Aos poucos, ela está se aproximando da cozinha e nada de ruim aconteceu ainda fora do seu

CAROLINA DAUDT STEIN

espaço mental. Após passar com cuidado pela sala, enfim, consegue entrar na cozinha. Como o resto da casa, é possível ver apenas uma pequena projeção de luz na velha mobília, mas a cozinha tem um potencial diferente, o chão não é mais de tacos escuros que rangem ao caminhar, é de velhos azulejos bege que aparentam nunca estarem totalmente limpos; no entanto, não geram barulho ao passar por eles. Agora, falta apenas alguns passos para chegar no quartinho. O chão já não é mais um empecilho, poderia até correr. Claro que não de forma espalhafatosa, ainda poderia despertar o que acredita estar por todos os cantos do apartamento. Catarina sente um pequeno alívio por já ter cruzado quase todo o caminho, porém, uma angústia tremenda a preenche. A vontade de correr e gritar é

A PRIMEIRA IMAGEM REPETIDA

impedida pelo seu medo. Então, instantaneamente, a garota segura sua respiração e sente um aperto gigante em seu peito por conta da vontade, quase que incontrolável, de gritar. Nesta hora, seu caminhar fica diferente, ela sobe nas pontas dos pés e corre com passos leves, de maneira que não chamasse tanta atenção.

Catarina é evada pela ansiedade de estar quase chegando. Em questão de segundos, ela já está na lavanderia, exatamente ao lado da cozinha. Mais três grandes passos e ela estaria na porta do quartinho dos fundos, junto com sua mãe. Apesar de a lavanderia também ter sombras de plantas na parede e o chão contribuir mais ainda para a tremenda escuridão, Catarina não presta muita atenção neste cômodo, pois a energia de proteção da

CAROLINA DAUDT STEIN

sua mãe já passa a fazer parte dela novamente. Ainda muito eufórica, a garota bate e abre a grande, pesada e escura porta de madeira que separa os dois cômodos. Sem pensar duas vezes, ela entra no quarto e murmura baixinho, ainda com medo:

— Mãe...?

Sua mãe acorda na hora e levanta bruscamente o seu tronco como se também estivesse perturbada durante o sono, e com uma voz assustada, responde sua filha:

— Ah... é você. Por que está acordada? Aconteceu alguma coisa?

É claro que Catarina jamais explicaria tudo que passou pela sua cabeça, muito menos o pesadelo com a mulher que gostaria de sequestrá-la. Então, ela só falou o óbvio:

A PRIMEIRA IMAGEM REPETIDA

— Eu tive um pesadelo, mãe.

— Ai, filha... Está tudo bem! Vem aqui, pode deitar junto comigo — respondeu sua mãe sentindo uma tristeza pelos sonhos perturbadores de Catarina.

A garota caminha calmamente em direção à cama de sua mãe. Ela está tão aliviada que consegue tranquilizar sua respiração novamente. Mal consegue acreditar que foi capaz de passar por todo o trajeto desde o quarto de sua avó até, literalmente, o outro canto do apartamento, sem nada de ruim ter de fato acontecido. Antes de pegar no sono, Catarina imagina mais algumas vezes a imagem do monstro que lhe aterrorizou mais uma noite. Ela sabe que esse monstrengo tem a fisionomia igual à de um humano, mas para a garota, a palavra monstro

CAROLINA DAUDT STEIN

também é sinônimo de pessoas malvadas que querem sequestrar crianças. Não se sabe mais quantas vezes ela será acordada no meio da noite por esta entidade que lhe persegue, mas agora que está junto de sua mãe, nada poderá acontecer com ela. Então, finalmente, a garota é tomada pela sensação de alívio, caindo profundamente em um estado de plenitude e sono tranquilizante, voltando a dormir como se nada houvesse acontecido.

Morte...

Bad Dreams

CRISTIANO GOBBI

Levantou subitamente a cabeça do travesseiro. Ouviu um som estranho da cozinha, um som agudo, “estalado”. Seu rosto sonolento olhou ao redor, sem saber o que fazer. Levantou-se devagar, o chão gelado pinicando-lhe o pé ao sair da cama. A casa estava em silêncio, nenhum som parecia vir de lugar algum. Em confusão, o garoto pensou ter sonhado com aquilo, mas o som novamente apareceu, fazendo-o pular assustado de volta para baixo das cobertas. Abriu a boca, sua voz infantil e insegura chamando fracamente por seu pai para protegê-lo do que quer que fosse. Nenhuma resposta veio. Ouviu algum tipo de grito, um choro, uma voz familiar, vindo da cozinha lá embaixo. Ficou com medo. E se estivessem *batendo* em seu pai? Tornou a se levantar da cama, tomando uma

BAD DREAMS

coragem de andar até lá e ajudá-lo, livrá-lo daquilo. Seus passos inseguros o levaram para fora do quarto, em silêncio. De repente, percebeu alguma coisa vindo pelo lado e se jogou no chão, dando tapas desesperados em quem quer que fosse, esperneando e batendo no perigo. Parou após alguns segundos, completamente enrolado em uma das cortinas que tapava a entrada do seu quarto. Voltou a se levantar, envergonhado com seu pequeno susto, e continuou andando até a escada, ainda tentando manter a coragem de antes. Com medo, desceu o primeiro degrau, olhando para a cozinha em busca dos atacantes, já se preparando para a briga.

Parou em choque ao ver a cena. Seu pai, em pé, a salvo, mas com a expressão furiosa, tão irritada

CRISTIANO GOBBI

quanto nos dias em que não gostava de alguma brincadeira que o garoto fizera. Em sua mão, um pedaço grosso de um cabo, talvez do cabo da parte de trás da geladeira. Na frente do homem, a meia-irmã do garoto, encolhida no chão, coberta de marcas vermelhas por todo o corpo, chorando de dor. O homem parecia louco, com a cara vermelha e a baba que saía da boca enquanto brigava com a garota. O som alto de vidro quebrando pinicou os ouvidos do garoto, mas ele não deu atenção, o que o chamava era o monstro que agora erguia o braço com o cabo, prestes a bater novamente nela. Parou no meio do golpe, percebendo o garoto, e o mandou subir, irritado. A criança tentou pedir para que parasse, mas ele ergueu a voz, mandando-o novamente subir e ir dormir. O garoto o fez, tonto,

BAD DREAMS

sem saber o que fazer. Deitou na cama, se cobrindo até a cabeça com a coberta, chorando junto com sua irmã que berrava de dor quando o som estalado do cabo surgia, e apenas rezou para que tudo aquilo acabasse de uma vez.

TIAGO SOTTOMAIOR SACCENTI

A barbearia está vazia: ali se encontram somente o barbeiro e uma garota. Lê-se no avental do homem “Barbearia do Tony” e, logo abaixo, “Tony Margheretti”. Ele arruma seus utensílios na bancada, como as navalhas, espumas e loções, e, enquanto isso, a menina está estudando em uma mesa ao lado da janela. “Pode dar uma pausa aí e me ajudar? Preciso que pegue as toalhas lá em cima” ele diz. Ela logo se levanta e vai pegá-las. “Precisa das tesouras também, né, pai?” ela grita do andar de cima, e o homem responde que sim. Ao pegar as toalhas de uma mesa, a garota vê um pequeno rato ao pé dela. Ela não se assusta, mas começa a pisotear o animal sem dó. Ela mata o rato, e, sem nem juntar o bicho morto, vira as costas e desce com as coisas. “O que foi esse barulho?” Tony

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

pergunta. “Nada não” ela diz. Ele deixa as toalhas limpas e as tesouras na cadeira. A menina volta a estudar. O homem completa sua bancada com uma toalha e suas tesouras.

“Bem, como estão indo as aulas? O que está estudando agora?” Tony pergunta. “Ah pai, estão indo bem. Estou na parte de História, lendo sobre algumas batalhas que aconteceram no país! Amo estudar esses acontecimentos, fico imaginando...”. Tony a interrompe “Imaginando como nós vencemos elas?”. A menina responde “Também, mas as vezes gosto de pensar mais nas mortes mesmo. Foram tantas!”, com tom alegre. Seu pai franze as sobrancelhas e tenta começar a falar, mas, entra em sua loja um homem baixinho e gordo, quase sem cabelo, mas com uma bela barba. “Bom

TIAGO SOTTOMAIOR SACCENTI

dia, gostaria de aparar minha barba, talvez deixar ela rala?”. Tony o recepciona “Oh, muito bom dia pro senhor também, por favor, sente-se aqui que já vou começar!”, ele pega a toalha, uma tesoura e uma navalha e, então, arruma o cliente para começar o trabalho.

Eles conversam sobre coisas banais. “Belo dia hoje não?” Tony pergunta. “Sim, melhor ainda com o jogão que vai ter hoje, hein?” responde o homem. “Ah sim, estou muito ansioso também! Pretendo assistir ali no bar da esquina, conhece?” Tony pergunta. O cliente respira fundo e responde “Claro, trabalho ali”. Tony sorri e pergunta “Olha só! Como bartender?”. “Não, não, fico mais nos fundos” responde o cliente. “Oh, trabalha na cozinha ou algo do tipo, então, deve ser por isso que nunca te vi lá”

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

Tony acrescenta. O homem, em tom sério, responde “Não, eu trabalho para o dono do lugar, o Sr. Saccenti. O senhor deve conhecê-lo, não é mesmo?”. Tony para repentinamente. Suor começa a escorrer em sua testa. Ele pensa em algo para responder, mas a menina os interrompe com uma pergunta “Pai, qual é o nome do presidente que reduziu bastante a dívida pública do nosso país mesmo?”. Tony, em choque, olha para ela e, em tom seco e com a voz trêmula, a responde “Ah, se me lembro bem foi o Andrew Jackson né? Lá por volta de 1837, uns 100 anos atrás”. A garota agradece ao pai, o cliente completa “É, mas não esqueçam daquela palhaçada que ele fez com os indígenas. Foi brutal. A política do “*Indian Removal*”. Brutalidade pura. A América foi e sempre será um lugar que, apesar da

bela propaganda para o exterior, não gosta muito de estrangeiro, não. Desde seu começo tratando índios como animais selvagens e os africanos como objetos, mas nunca lembram que aqueles que chegaram primeiro nesse país eram os estrangeiros, os bárbaros! Sorte que aqui em Nova York temos mais espaços nossos”. Tony e a garota concordam. “Afinal, os chineses têm Chinatown, a comunidade negra está bem presente no Brooklyn, e, nós temos aqui, a bela Little Italy, não é mesmo? Não entendo por que os índios não podiam, ou melhor, não podem ter a terra deles também” a menina diz, finalizando, porém, em tom de prazer “Tanto sangue derramado...”. O barbeiro não reage à fala da filha de tanta apreensão que está sentindo.

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

Tony continua a cortar a barba do cliente. Suas mãos ainda tremem, sua respiração está forte. Certo momento, a menina se levanta e diz “Pai, vou ali na loja da frente comprar mais uns lápis e umas folhas, está tudo acabando aqui! Ah, preciso de tinta vermelha também... Bom, tchau pra vocês!”. Enquanto ela sai, Tony nota que um carro estaciona na frente de sua loja e, dele, outros dois homens saem e entram em sua barbearia. Eles são altos, fortes, mal-encarados, e ambos estão de terno. O barbeiro os cumprimenta, fala para eles se sentarem e esperarem. Tony continua seu trabalho, sempre olhando pela janela para ver se sua filha está bem. Porém, logo o cliente interrompe sua atenção e começa a falar “Linda sua filha. Ela deve ter o quê? Uns 12,13 anos?”, Tony responde “Quase 15 na

verdade”. O cliente “Ah! Ótima fase, pena que daqui a pouco ela já vai pra universidade, não é mesmo? Deve estar guardando um dinheiro já.”. Tony, franzindo as sobrancelhas, fala em tom sério e apreensivo “Sim, sim, sim... Eu trabalho muito sabe? Saio bem raramente, e não vou muito longe. Vou mais no bar pra beber e jogar um pouco. Admito que tenho um certo vício em Pôquer, mas o dinheiro que eu ganho lá eu consigo guardar para ela”. O cliente começa a rir. Tony para, se afasta um pouco e, com os olhos arregalados, fala “É... é... já acabei, pode ir, pode ir.”, porém, o cliente responde “Não, não, tem um pouco aqui ainda, pode tirar”. Tony hesita, mas volta ao homem, enquanto o mesmo continua “Olha, não adianta nos enganar, você deve um dinheiro ao Sr. Saccenti, só viemos

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

aqui pegar ele. Eram o quê? Uns 5 mil?”. Tony recua novamente e grita “Não! Pode sair! Não devo nada a ninguém!”. O cliente, emburrado, então se levanta, e os dois homens o acompanham. Tony tenta correr, mas os dois homens altos bloqueiam a saída. O cliente começa um breve discurso “É assim, você deve dinheiro, nós viemos pegá-lo. Ou você paga ou se fode. Então, vou te dar três opções: A primeira e a mais sensata, você nos paga. Se não isso, nós levamos a garota e dobramos o valor da dívida. Ela vai ficar bem por uns cinco dias, pois vai ficar comigo. Depois, ela passa pras mãos desses dois aí, e então... bom, não posso prometer nada. Óbvio que se demorar muito pra pagar ela morre também, e depois você. Se não gostar de nenhuma dessas ideias, o chefe adoraria se você adiantasse todo

TIAGO SOTTOMAIOR SACCENTI

nosso trabalho de pegar ela, matá-la, e só aí pegar você e te matar também. Então, deixa eu ver... Acho que essa navalha vai te ajudar com isso. Não se preocupe, não vamos levar a garota, e sua dívida será zerada!”.

Tony está branco. Olhos ainda arregalados, e agora lacrimejando muito. Ele cai de joelhos, atônito. Os homens de pé só o encaram, esperando uma resposta. Tony olha pela janela, vê sua filha ainda na loja, conversando e rindo com a vendedora. Ele sorri também, mas, ao mesmo tempo, cai em choro. Chora, chora, não consegue segurar. Os homens sorriem e trocam palavras sobre a situação, o cliente joga a navalha no chão, na frente de Tony. O barbeiro, olhando a navalha, balbucia em baixo volume “Eu... Eu não tenho esse

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

dinheiro. E... ela precisa do pouco que eu tenho”. O cliente se abaixa e sussurra em seu ouvido “Acho que sabe o que fazer então”. Tony pega a navalha, a encara por um tempo. Volta o olhar à filha, que está pagando os itens. Ele sorri, leva a navalha ao seu pulso esquerdo, cortando-o. Repete o gesto no pulso direito. Gritando, chorando de dor, o barbeiro cai ao chão, olhando fixamente para sua filha. Mesmo com sua vida indo embora, ele dá um último sorriso, antes de parar de se mexer por completo. Os três homens que estão lá rapidamente saem da loja, entram no carro ali estacionado e saem. A loja fica sem vida: o barbeiro morto no chão, o sangue escorrendo e a navalha ao seu lado completam o cenário horrendo que se tornou essa barbearia.

TIAGO SOTTOMAIOR SACCENTI

A menina acaba de pagar pelos lápis, pelas folhas e pela tinta vermelha. Ela se despede da vendedora e volta a barbearia do pai. Chega alegre e saltitando, só para ser recebida pela grotesca surpresa. Ao entrar, a garota vê seu pai caído no chão, e muito, muito sangue cobrindo a área. Ela derruba suas coisas e vai acudir o pai, tenta checar seu pulso, mas logo vê os cortes. Ele já está sem vida. Ela chora, grita, berra por seu pai. “O que aconteceu?! Por que pai?! Por quê?!”. A menina chora sobre seu pai, socando seu peito e o chão de tanta aflição que sentia. Ela olha novamente os pulsos de seu pai cortados e a navalha no chão. Ela pega o objeto, e, subitamente, muda seu tom de tristeza para um de ódio e raiva, e então faz um juramento “Pai, pai... eu prometo, vou achar aquele

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

desgraçado, aquele gordo filho da puta. Vou achar ele e te vingar, vou matá-lo. De um jeito ou de outro, preciso achar ele, aquele homem vai sentir a dor que você sentiu...”. A garota se levanta, toda suja com o sangue do pai, guarda a navalha em seu bolso, pega uma das tesouras do balcão e sai da barbearia.

Ela vai direto ao bar da esquina, aquele que seu pai frequentava. Ela entra. Todo o barulho de conversa cessa e as pessoas lá a encaram. Uma garota de quinze anos com a roupa toda ensanguentada entrando no bar lhes causa espanto. Ela anda, sem hesitar, até o balcão e fala com o garçom. As pessoas voltam a conversar. Ela aborda um homem, descreve o pai, explica que ele sempre ia nesse bar e que queria saber o que ele fazia. O homem reconhece a descrição de Tony e aponta

para uma mesa em um canto escuro do bar, onde seis homens jogam um jogo de cartas. A mesa é iluminada por uma pequena luminária. Nela, cartas e fichas evidenciam o jogo que está acontecendo. Ela se aproxima deles e os aborda. “Ok, quem é que manda por aqui?”. Os homens só a ignoram. Ela insiste na pergunta, um deles responde “Vai pra casa, neném, aposto que a pia tá cheia de louça pra lavar”. Todos ali riem. A menina, calmamente se aproxima desse homem e, repentinamente, pega a tesoura do bolso e a coloca no pescoço dele. “Só vou perguntar mais uma vez, quem é que manda nesse esquema?”. Os homens começam a gargalhar alto. Confusão se instala no rosto dela. O mesmo que está com a tesoura no pescoço fala “Você tem coragem, menina. Mas sério, vá pra casa, nada aqui te

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

interes-“, ela não o deixa terminar, pois corta a garganta do homem ali mesmo. Todos os outros da mesa se assustam e se levantam. O resto do bar, silencioso novamente, só admira a cena. A menina olha para os homens e diz “Então, vão me responder ou não?”. Todos estão com a mão na cintura, prontos para pegarem suas armas, até que um outro homem, de terno cor de vinho, se aproxima deles e manda relaxarem. Ele se apresenta “Ah, olá mocinha, como está? Eles não te assustaram muito pelo jeito, você que os assustou! Venha cá.”. Ela se aproxima do novo homem. Ele apoia sua mão em seus ombros e começa a levá-la para os fundos. O barulho de conversa no bar reaparece. “Então, como é seu nome, menina?”. “Não te interessa” ela responde. “Tudo bem. Bom, por aqui me chamam

TIAGO SOTTOMAIOR SACCENTI

de Sr. Saccenti, mas pode de chamar de Dante. Eu ouvi a bagunça lá, o que quer comigo?”. Ela começa a explicar “Bom, meu pai costumava vir aqui. Não vinha muito, só quando tinha tempo, ele trabalhava bastante. Falei com o garçom e ele disse que meu pai costumava jogar Pôquer. Penso que em um jogo desse tipo ande muito dinheiro. Talvez meu pai estivesse devendo e...”. Dante a interrompe “Espera, seu pai era aquele do açougue?”, e ela responde “Não, era Tony Margheretti, dono da barbearia da região”. Dante, surpreso, responde “Ahhh sim, Tony. Bom, pelo vermelho da sua roupa achei que era pelas carnes, mas enfim... Acho que agora sei qual caminho que ele escolheu. Olha, veja pelo lado bom, você está segura e não precisa me pagar nada. Todo o dinheiro que ele tinha sobrando é seu!”. A

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

menina tira a mão do homem de seu ombro e empunha a tesoura novamente “Então foi você quem o matou? Aqueles homens trabalhavam pra você...”. “Sim, garota, sim. Olha, você não é a primeira. Muitos e muitas vêm atrás de respostas. Alguns são estúpidos o bastante para tentar algo contra mim. Mas a maioria só vai embora mesmo, vão chorar mais ou sei lá.”. A menina avança sobre ele com a tesoura e para, sem dizer nada, só o encarando furiosamente. Nisso, entra no local o homem gordo da barbearia “Ó chefe, tá feito. O da oficina deu o dinheiro, estamos com o filho do cara da padaria e o barbeiro...”. A garota vira subitamente para o homem e corre em sua direção. Ele, travado, grita, sem ter tempo para reagir. Ela pula sobre o homem gordo e o esfaqueia com a

tesoura, deixando-o no chão. Após alguns golpes, ela pega a navalha e começa a cortar o homem em vários lugares do corpo, mas nenhum deles vital o bastante para o matar, ainda. Dante só olha a ação da moça. Enquanto ela está o cortando, grita “Toma aqui o pagamento, seu merda! Isso é o que está recebendo por hoje! É isso que ganha por trabalhar com isso”.

“Vamos, garota. Acho que já deu, né? Faz uns cinco minutos que você tá aí” Dante diz. Mesmo com o homem já imóvel no chão, a garota continua a cortá-lo com a navalha. As roupas do morto estão todas rasgadas e vermelhas, e seu rosto, irreconhecível. Ela joga a navalha de lado e continua o trabalho com a tesoura. Dante começa a rir e a andar na direção dela. “Olha, menina, muito

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

obrigado mesmo, eu já estava cansado dele. Fazia a galera se matar sem dó, nem pena, falando que eu adoraria isso. Imagina! Quero elas vivas pra me darem a porra do dinheiro! Sabe, você acabou me fazendo um grande favor, tem um jeito que eu possa retribuir?”. Ela o ignora e continua a cortar o homem já morto. “Sabe, se você pensa em me matar também, não vai dar certo. Se você der dois passos pra fora desse bar já vai ser muito. Mas mesmo assim, tenho que admitir, adorei sua paixão por essa matança, essa energia que você tem, bem que eu poderia usar isso. O que acha? Posso te pagar bem, desde seu colégio até a universidade. Pelo que o Tony falava, vocês...” ela o interrompe com um grito “Não ouse dizer o nome dele!”. Dante continua “Tudo bem, você está certa. Mas me ouça um pouco,

estou te fazendo uma oferta que muitos gostariam de estar recebendo, pensa bem antes de fazer alguma besteira”. A garota para e se levanta. Ela vira para Dante e caminha em sua direção. Ele recua. Ela solta a tesoura e pega a navalha. Ele, nervoso, começa e sorrir “Bom, o que vai fazer, menina?”. Ela se aproxima lentamente do homem e diz “Nada. Não há nada nesse mundo que você possa me oferecer que vai me fazer sentir melhor. Meu pai era minha única família. Você vive de tirar dinheiro... De tirar a vida dos outros, e agora... Bom, agora vai sofrer as consequências.”. Dante tenta alcançar sua pistola do bolso, mas a garota, com um golpe certo, corta a garganta do homem. Ele tenta estancar o sangramento com as mãos, mas não adianta. Cai no chão e lentamente vai perdendo a

ERA UMA VEZ EM... LITTLE ITALY?

vida. Ela se agacha e alcança a arma do homem, a pega e sai andando de volta ao bar. Ela abre a porta, ouvem-se gritos de espanto. Mesas caindo, cadeiras quebrando, copos se estilhaçando. Tiros. Eles são ritmados. Cinco ao todo. Um de cada vez. Os tiros param. Sons de passos lentos se afastando. Ouve-se a porta da frente abrindo, algo pesado cai no chão, os passos diminuem até ficarem inaudíveis, e a porta bate ao fechar, fazendo um barulho que ecoa pelo agora silencioso bar.

BEATRIZ MOREIRA

Há um jogo de cartas e há o homem que o domina. Ele desafia este outro senhor a vencê-lo, mesmo sabendo que ele não conseguirá. A mulher é tida quase como um prêmio do maldito jogo. Contudo, o homem que não consegue vencer desce as escadas partindo da mansão junto desta mulher tão estonteante. O outro, o que domina o jogo tão intrigante, para nas escadas, observando-os partir. Um plano geral do hotel pelo lado de fora com apenas algumas luzes acesas são as cenas finais de *O Ano Passado em Marienbad*. Os músicos que compõem a orquestra localizada na parte inferior do palco do teatro diminuem o volume e ritmo de seus instrumentos lentamente até chegarem ao fim juntamente ao filme, e as luzes se acendem. Elas exibem o local que ostenta longas cortinas de cores

A MULHER PASSADA EM VERMELHO

douradas, azuis e vermelhas, esta última em quantidade exuberante. Estrondosos aplausos rompem o silêncio vindos da plateia e preenchem o grande teatro durante um tempo razoável, seguidos de uma movimentação em direção à saída, todos comentando entre si sobre o espetáculo que acabaram de testemunhar.

Um casal de meia idade ainda se ajeita para partir, quando restam apenas algumas pessoas no local. A mulher possui cabelos castanhos amarrados em um coque, usa um vestido preto de alças que acompanha um xale verde-musgo, o qual está disposto sobre a cadeira em que ela estivera sentada. O homem é careca, possui bigodes e usa um clássico smoking preto com gravata borboleta. Eles se levantam para ir embora e, então, a mulher é

BEATRIZ MOREIRA

surpreendida quando um brinco cai do bolso de seu marido diretamente para o banco em que ele estivera sentado. Em poucos segundos, a expressão facial da esposa, chamada Ana, se altera para um rosto surpreso de sobrancelhas franzidas. Seus olhos se desviam muito rapidamente para o seu marido, Eduardo, distraído colocando o casaco, mas, ligeiramente, ela retoma a postura. Então, Ana farsa um desajeitamento na hora de apanhar seu xale, tomando para si, também, o pequeno e intrigante brinco.

Ela pousa sobre este um apressado, mas muito atencioso olhar. Ele possui o formato de uma gota, com uma pedra de rubi no centro e cravejado de cristais ao redor de uma estrutura dourada nas extremidades. Ela fecha sua mão com força,

A MULHER PASSADA EM VERMELHO

segurando o brinco entre os dedos, e ergue sua cabeça, olhando para a frente. Vê, assim, a única pessoa restante no teatro além de si própria e Eduardo: ruiva, usa um chamativo vestido vermelho com um decote sensual, sapatos vermelhos escuros de salto fino e também brincos vermelhos. *Um* brinco vermelho, nota Ana ao desviar a atenção para a orelha vazia da moça.

Ana está agora de olhos arregalados, alternando a direção de sua expressão confusa ora para o marido ora para a mulher estranha, sua cabeça e seu corpo entrando em sintonia ao observar todo o teatro, como alguém que busca uma resposta a uma situação que não sabe explicar. A mulher ruiva se levanta, fixa o olhar em Eduardo e abre um malicioso sorriso. A esposa, descontrolada

BEATRIZ MOREIRA

e com movimentos desgovernados, grita desesperadamente:

— QUEM É VOCÊ? O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

Eduardo se mantém firme e parado como uma estátua, com uma expressão um pouco confusa, porém solene. Ele não diz nem faz nada em momento algum.

Ana se dirige ao marido com passos firmes, pegando sua bolsa e decididamente diz:

— Vamos embora agora, você tem muito a me explicar!

Se vira em direção à saída do lugar, mas não a alcança. Ela aperta a mão que segura o brinco com tanta força que esta se abre revelando o acessório, que cai no chão levando consigo várias gotas de

A MULHER PASSADA EM VERMELHO

sangue. Ana ergue sua mão na altura dos olhos para ver o pequeno furo e o sangue ao redor, que deixa de ser vermelho para se transformar em preto. Ela deixa escapar gemidos de agonia e dor, que penetram no teatro com tanta força quanto os aplausos ouvidos minutos antes.

Ana cai no chão e um filete de sangue escorre por sua boca. Eduardo se aproxima, passa a mão em seus cabelos, dá um beijo em sua testa e sussurra:

— Tudo irá ficar bem. Há jogos que realmente não podemos ganhar.

Ana continua com os olhos abertos enquanto Eduardo se dirige para junto da mulher ruiva, os dois saem apressadamente do teatro.

SÉRGIO ANANSI

O relógio marcava oito horas da noite. O ônibus da escola atrasou de novo. No sítio, neste horário, oito horas parecia já ser de madrugada. Era um breu absurdo. Os grilos alternavam cricrilados desordenados, enquanto os sapos socós coaxavam ritmando a sonata macabra que se iniciava assim que Heitor começou sua jornada tortuosa de volta pra casa. “A noite é onde os monstros se escondem!” os velhos diziam. “As almas vagam na madrugada!” ruminavam as velhas. E tem a porcaria da hora do diabo, por que cargas d’água tinha que ter hora para o diabo?

Heitor nem lembrava qual era, mas em seu inconsciente parecia que sempre era a hora do diabo. Como criança da roça, cresceu com a mente cagada. Os adultos desgraçados encheram sua

ESPÍRITO DE PORCO

cabeça de misticismos e toda uma sorte de superstições. Resultado: Heitor tinha medo da própria sombra.

Aliás, naquela noite, as sombras criadas pela lua cheia faziam formas tinosas com os galhos das árvores secas. Porra! Ele só queria ir sossegado pra casa assistir *Smallville* e ficar tranquilo jogado no sofá, mas não, né? Tinha que ser uma *via crucis* passar por essas malditas encruzilhadas cheias de cruces. Muito embora, sempre alternassem: ora cruces, ora despachos; cada encruzilhada uma surpresa diferente. Por que sempre em encruzilhadas? Por que as pessoas não podem morrer em linha reta, bonitinhas?

— Quer morrer? Morre certo. Não pra me assombrar nas curvas depois — ele pensava.

SÉRGIO ANANSI

Maria, sua mãe, outra cagona medrosa, sempre o aconselhava a nunca olhar pra trás quando passasse por lugares assim. “O diabo tenta, meu filho!”. Diziam que nas encruzilhadas se juntavam todas as coisas ruins e se você abusasse, elas te assombrariam pra sempre. Pra sempre parecia muito tempo pra ele ter de se preocupar com tanta desgraça o perseguindo. Já não bastava seus pesadelos toda noite? Parecia que ele nunca acordava. Morto vivo num pesadelo eterno.

Ele nunca abusou de coisa ruim alguma, sempre se comportou como bem queriam os bons costumes rurais e conservadores a que fora submetido. Por isso, sempre procurou dormir sossegado, mesmo em meio aos pesadelos enlouquecedores que o aprisionavam neste limbo

ESPÍRITO DE PORCO

existencial. Seu tio, que é um santo, ou melhor, um belo de um frouxo e acovardado, dizia ter acordado uma noite com uma alma penada apertando o pescoço dele com toda força. Desde então, ele sempre dormia com o cobertor cobrindo até o ouvido, e às vezes mijava na cama.

Contudo, Heitor não devia nada pra miserável nenhum o ficar assombrando. Se ele matou o idiota do João, foi por simples acidente. Fazer o quê se o garoto só tinha onze anos? Morte não tem classificação indicativa. Heitor nunca pediu pra ficarem colocando coisas em sua cabeça, o atulhando com mentiras sebosas. Ele sangrou o João feito um porco. Heitor já tinha matado alguns porcos desde os sete anos, estocando punhais embaixo de suas axilas esquerdas e vendo-os

SÉRGIO ANANSI

sangrar e gritar até morrer. Então esfaquear João foi só continuidade do processo num porco maior.

Heitor sempre andava com seu canivete de picar fumo no bolso que seu pai lhe dera. Ele não tinha culpa se aquele otário resolveu vir assustá-lo com brincadeiras sem graça justo quando passava pela encruzilhada cheia de cruces e despachos que ele tanto odiava. Foi infortúnio dele. A família do João nem poderia fazer nada. Sabiam que o João fazia essas bobagens de assustar com todo mundo. E se tentassem alguma coisa também, a família do Heitor ia passar o facão em todo mundo.

Então, vida que segue e morte também, né?

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

Uma sala fria, tanto pelas cores brancas e azuladas dos ladrilhos da parede como pelo zumbido incessante do ar-condicionado. No canto da sala, há uma bancada com agulhas, uma maleta prateada, um fichário e uma pilha de livros, entre eles *O Livro Tibetano dos Mortos*, *Antes que eu morra*, a Bíblia e *A Divina Comédia*. Uma maca ocupa o centro da sala cercada por alguns equipamentos cirúrgicos. Um corpo masculino nu, amarelado, repousa sobre ela enquanto uma mulher de baixa estatura, descendência provavelmente árabe, roupas brancas e um crachá escrito “Katal Al-Ayad Thanatos — Tanatopraxista” segue um procedimento metódico em torno dele.

— Então me diga, senhor, como foi sua morte?

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

Ela não dá nenhuma indicação física de desconforto ao inserir a bomba de injeção no corpo do defunto. Esta se liga a um aparelho com duas bolsas médicas transparentes: a vazia começa a encher de sangue e a outra, escrita “formol”, começa a esvaziar.

Enquanto espera a troca de líquidos, Katal toca no rosto dele com suas luvas de borracha, tão brancas quanto a roupa.

— Dizem que nossa morte reflete a vida que tivemos. Acredita nisso?

A mulher se dirige até o lixo ao lado da pia e joga fora as luvas, trocando por um novo par. De costas para o corpo, ela sorri e assente.

— É... Talvez faça sentido. Pela sua cor, eu diria que morreu de ataque cardíaco, certo? — Katal

pergunta, olhando para o morto, mas relanceia um fichário e abre uma página enquanto veste o novo par de luvas.

— Parece que eu acertei. Alguém aqui deve ter tido uma vida de altas emoções... E, por essas rugas precoces, eu diria que muitas preocupações também... Quer disfarçá-las?

Katal se aproxima novamente do corpo com uma maleta prateada. Quando abre, um kit de maquiagem sóbrio se apresenta. Ela observa de perto o rosto dele, analisando-o, e sorri antes de escolher a cor para a pele e repousar sobre a pequena mesa lateral.

— Que bom... Eu também prefiro mais natural. — O zumbido do ar-condicionado é complementado pelo sangue pingando na bolsa, que

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

agora adquiriu um ritmo homogêneo. Katal imita seu ritmo para preparar a mistura de água com sabão neutro.

— Ah, que falta de educação a minha, nem perguntei seu nome. — A mulher troca as luvas novamente, mesmo com o pouco uso, e aproveita para olhar o livro. — Johnson. Certo. Muitos me chamam de doutora Thanatos, mas não sou médica e meu sobrenome de verdade nem é esse, então, pode me chamar de Katal. Acho que temos intimidade para isso já.

Ela ri sozinha e volta sua atenção para o tratamento do corpo.

A batida na porta interrompe a concentração de Katal. A mulher olha de relance para a porta, mas volta sua atenção para o trabalho.

A batida insiste, fazendo com que revire os olhos. A pessoa do lado de fora, diante do silêncio, mexe na maçaneta de metal, feita para isolar possíveis infecções, a qual produz um som agudo irritante. Katal bufa, se dirigindo com passos firmes para a porta, então abre uma pequena fresta e encara o invasor com os olhos semicerrados e expressão séria, acusadora. Uma criança com os olhos esbugalhados e vermelhos de tanto chorar, com mais ou menos sete anos, questiona:

— O papai ainda tá aí?

Katal observa a garotinha de cima a baixo antes de responder. Impaciente, a menina bate o pé:

— Eu quero meu pai.

A respiração da até então imperturbável Katal acelera, ela pisca várias vezes seguidas e,

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

cambaleante, dá um passo para trás. A pequena aproveita a oportunidade para colocar a cabeça para dentro. A mulher grita:

— Não! — E empurra a garota para fora. A menina arregala os olhos, mas não chora ou continua a falar, apenas encara a mulher de jaleco branco inquisidora. — Seu pai não está aqui, não mais. Ele está morto.

A menina fica paralisada, sem reação. Nesse momento, um senhor idoso desce as escadas até o subsolo, onde as garotas estavam. Ele tenta correr, mas a idade avançada o faz mancar, agarrado ao corrimão.

— Querida, o que você está fazendo aqui? Suba agora, sua avó está esperando.

— Eu só queria ver o papai...

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

— Sim, minha linda, mas meu filho não está por aqui, tudo bem? Já conversamos sobre isso, ele está em algum lugar melhor agora. Vá.

A menina sobe as escadas, obediente, mas de costas, contrastando com a dificuldade do avô, para não perder contato visual com Katal. A tanatopraxista mantém o olhar, mas assim que a criança some de vista, ela cobre o rosto com a mão, suspirando. De cabeça baixa, tira a mão no rosto e tenta fechar a porta, mas o avô da garota a impede. O olhar doce que dirigiu para a garotinha se foi.

— Não vê que ela é uma criança? Não pode falar assim com ela.

— Porque mentiras são melhores, certo? —
Katal sussurra, quase inaudível.

— O que você falou?

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

— Nada...

— Você não tem coração. — O senhor explode.

Em contraste, Katal permanece séria para concluir:

— Quer um coração? Eu recomendo um bisturi bem afiado... — Ela fecha a porta na cara de um senhor perplexo, mas volta a abrir uma fresta para complementar — Só lembre de tirar o esterno e a caixa torácica antes.

O som do fechar da porta ecoa na sala branca. Katal se apoia na porta e fecha os olhos, respirando fundo. Ela ouve através do metal grosso a voz do avô da menina baixinha:

— Ela perdeu o pai.

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

Katal sussurra, sabendo que ele não vai ouvir:

— Nem todas meninas têm essa sorte.

Katal levanta o rosto para o corpo do pai da menina.

— Eu sei, desculpe...

A tanatopraxista volta ao trabalho e, enquanto desinfeta o corpo, deixa suas divagações fluírem:

— Sabe... Às vezes, sinto como se eu fosse a reencarnação de Thanatos. Com o coração de ferro e as entranhas de bronze.

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

Enquanto passa o pano pelo corpo do defunto, Katal parece incomodada, diferente da paz que apresentava antes. Ela explode:

— Será que dá pra parar de me julgar? Meu Deus...

Johnson estava vestido em um terno preto, desgastado.

— Podem levar. Só cuidado ao colocar no caixão. — São as últimas recomendações de Katal aos funcionários da funerária.

Quando eles saem com o corpo, ela pega seu fichário, próximo ao lixo com várias luvas de borracha, e sua chave. Assim que passa pelo batente

da porta, o avô da menina surge na sua frente: ele estava esperando do lado de fora.

Katal se assusta e por um momento o senhor parece não saber o que falar... Desconfortável, ele sugere:

— Não sabia que tinha essas salas debaixo das funerárias...

A doutora Thanatos avalia o senhor a sua frente e, intrigada, responde:

— Sim... Bem, nem todas são no subsolo, mas... Alguém tem de cuidar dos mortos.

— Mortos... Parece que você deixou minha neta curiosa.

— Peço desculpas. Sinceras desculpas. Não era meu direito fal...

O avô a interrompe:

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

— Tem razão. Não era. Entretanto, agora ela está lá, pensativa. Não está mais chorando e não para de fazer perguntas sobre a moça de branco que entende de mortos.

— Perdão.

— Tudo bem.

O silêncio preenche o espaço deixado pelas palavras não ditas.

Katal aperta os lábios e baixa a cabeça, cumprimentando o senhor. Então, desvia dele e vai até a base da escada. Relutante, ela se vira:

— O que veio aqui me dizer, senhor?

Ele suspira antes de falar:

— Eu... Tenho medo da morte. Não por mim, mas... quem vai cuidar de Anne quando eu e minha esposa nos formos?

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

— Sua religião diz que Deus o fará.

— Você não acredita nisso.

Katal não tem resposta. Diante do silêncio, o avô continua:

— Fui eu que o matei. — A tanatopraxista levanta a cabeça bruscamente. — Não com uma foice, mas cada dia, com minhas cobranças e pressões. Não ajudei quando sua esposa se foi e ainda o critiquei por escolher ela. Como posso ser digno da minha neta? Como posso olhar para ela e...

— Por que está me falando isso, senhor?

— Porque os vivos não souberam me responder, talvez os mortos saibam.

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

Katal sobe as escadas com passos rápidos e segue assim até a saída, quando finalmente respira aliviada. Fecha os olhos liberando a tensão do dia. Quando abre novamente, repara na garotinha sentada nas escadas da saída sozinha e olhando para o céu.

Após observar a menina por um bom tempo, Katal se aproxima e se senta do seu lado. A criança vira a cabeça para ver quem é e volta a olhar para o céu.

— Você ficou séria quando falei sobre seu pai lá embaixo — Katal comenta, também olhando para o céu.

— Eu estava pensando. — As duas não se olham enquanto conversam.

— Pensando?

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

— É. Pensando.

Katal balança a cabeça em aprovação e se vira para a pequena:

— E o que você concluiu?

Depois de muito ponderar, a garota responde, tirando os olhos do céu para olhar Thanatos:

— Que a vida é complicada. — Com uma pausa enfática e um olhar curioso, ela se dirige à mulher de branco. — Você tem medo da morte?

— Não.

— Achei mesmo que não. Seria estranho.

— Por quê?

— Você lida mais com mortos do que com vivos.

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

— É verdade. Eles são mais fáceis de conversar.

A menina riu.

— Mas falando sério, gostaria de pedir desculpas pela forma como me dirigi a você.

— Tudo bem... Você não está acostumada a conversar com vivos.

— É... — Os cantos da boca de Katal se elevam. — Talvez eu não esteja mesmo.

Um silêncio tranquilo se instala. As duas voltam a admirar o céu do final do dia. A menina puxa assunto dessa vez:

— Você, que conversa com eles, sabe se tem alguma coisa depois da morte? Acha que vou ver meus pais de novo?

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

Katal reflete muito antes de responder. Um carro passa pela rua quase deserta onde fica a funerária.

— Você ama seu pai?

— Sim. Ele foi muito bom pra mim. — Com os olhos vagos, ela começa a falar rápido. — Ele me levava para tomar sorvete escondido da mamãe e, quando mamãe ficou doente, ele cuidou bem de mim. Mas não sabia pentear meu cabelo, daí ele cortou. Eu sinto falta dele. Dele e da mamãe.

A mulher de branco sorri e sussurra, mais para si do que para garota, que mesmo assim escuta:

— Se até a personificação da morte acredita em algo além dela, por que nós não deveríamos?

— O que? Persona do que?

A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE

Katal ri.

— Já ouviu o mito de Thanatos e Macária?

Com a testa franzida, a menina balança a cabeça em negação.

— Thanatos, o Deus da Morte, ou a própria Morte, como preferir, se apaixonou uma vez, mas eles não puderam ficar juntos, porque... Bem, ele tinha muito trabalho e...

— Matar pessoas? — A garota interrompe.

— Hum, sim. É um trabalho muito importante, faz parte do funcionamento de to...

— Sim, sim, e o que aconteceu? — interrompe a garota, impaciente.

Katal sorri e continua:

— Sabendo que não podiam ficar juntos, Thanatos disse a Macária: “Então, que cavem duas

KRISTEL HEMMER CASAGRANDA

sepulturas... Se eu morrer, prometo que acordarei do seu lado”.

— A Morte disse isso?

— Parece que até o Deus da Morte acredita no amor...

— E você?

— Eu... Espero reencontrar minha mãe.

— E seu pai?

— Meu pai, não... Espero ter cumprido o que precisava com ele por aqui.

— Hum... Talvez a gente se encontre depois que acordar também, então.

— É... Talvez sim. Mas até lá, será que seu avô deixa a gente tomar um sorvete juntas?

Os olhinhos da menina brilharam.

— Só se for escondido da vovó!

MATHEUS FERREIRA

O corredor ecoava sons de sapatos molhados esguichando no piso. A porta velha de madeira ainda rangia sempre que aberta. Raquel entra em seu apartamento, imediatamente tirando seus sapatos e meias encharcados pela chuva. Ela tranca a porta rapidamente, deixa sua bolsa em cima da mesa, corre até o banheiro com apenas o celular na mão, tira suas roupas e se senta ao vaso com a tampa fechada. Deixa seu celular em cima da pia. Seus olhos estão cerrados e sua respiração está ofegante. — Não aguento mais subir cinco andares de escada todos os dias. — diz em alto e bom som para si mesma. Cautelosamente, Raquel se dirige até o box e liga o chuveiro. Aos poucos, a água fria da chuva — ainda em seu corpo — era substituída pela água morna que caía incessantemente. Ao finalizar o

APARTAMENTO 505

banho, Raquel passa algum tempo sentada dentro do box. Seus longos suspiros eram um claro sinal de cansaço. Após alguns segundos na mesma posição, decide pegar seu celular e mandar algumas mensagens para seu namorado e também colega de curso, Daniel:

“Oi, amor. Já consegui chegar em casa. Nos vemos amanhã na aula. Se cuida.”

Ainda nua, Raquel sai do box, caminha pelo pequeno corredor que liga o banheiro aos outros cômodos e se senta numa poltrona de frente para a janela da sala. Não havia muito para olhar, até que ela começa a observar com atenção o apartamento do prédio que fica em frente ao seu. Ela percebe que a cozinha — único cômodo visível de seu apartamento — está vazia e sente uma leve euforia.

Pega seu celular rapidamente e decide mandar outra mensagem para Daniela. Desta vez, em formato de áudio:

“Dani, acho que finalmente conseguirei me mudar daqui! Aparentemente, um dos apartamentos do prédio que fica ao lado do meu, está vago.”

“Bah, isso é ótimo! É notável o seu desconforto no apartamento atual. Mas por que ‘finalmente’? O que te impedia de se mudar até agora?”

“Eu já te falei: quando me mudei para cá, todas as kitnets, casas e apartamentos em conta, já estavam ocupados. Aqui foi o único local barato que achei. Mesmo não sendo tão bom, fica perto da faculdade...”

APARTAMENTO 505

“Sim, sim. Boto fé. Por isso mesmo fiz uma cópia da sua chave, nunca se sabe quando esse teto pode desabar sobre você, rs. Mas você está sendo otimista demais ao deduzir que o aluguel daquele apartamento não seja caro. O prédio é bem melhor que o seu.”

“Pois é... eu vou tentar ir atrás disso o mais rápido possível, antes que alguém passe na minha frente.”

“Faz certo. Mande-me atualizações.”

Ainda com o celular na mão, Raquel começa a procurar desesperadamente pela imobiliária na internet. No mesmo instante em que encontra, liga para o número e tem uma surpresa incrivelmente boa; o valor do apartamento era, coincidentemente, o mesmo que ela pagava no apartamento atual. Sem

MATHEUS FERREIRA

pensar duas vezes, ela marca uma visita para o dia seguinte.

A aula de Raquel acabava às 16h. Sua visita estava marcada para 17h. Assim que o período acaba, Raquel vai até a sala de Daniel:

— Consegui marcar a visita no apartamento para daqui a pouco. Quer ir comigo?

— Conseguiu? Perfeito! E eu, com certeza, iria, caso tu tivesse avisado antes. Combinei de tirar umas dúvidas com o monitor hoje.

— Bah, tá certo. Te aviso como ele é quando voltar para casa. Até depois.

— Beijo.

Raquel sai da sala e vai direto para sua casa.

APARTAMENTO 505

Chegando lá, come algo rapidamente, troca de roupa e vai ao encontro da corretora de imóveis. O prédio do apartamento se localizava na mesma quadra, então era necessário andar apenas alguns segundos. Ao chegar, Raquel nota o quão grande e bonito o local era. Sua fachada era pintada de bege, branco e cinza. Por dentro, havia um longo corredor até o acesso aos elevadores. Raquel observa cautelosamente cada perímetro do espaço. Ao atravessar todo o corredor, chama o elevador para o térreo enquanto aguarda ansiosa. Ao subir para o quinto andar, encontra a corretora.

Ao entrar no apartamento, ela abre um leve sorriso. Ele estava pintado, limpo e com algumas mobílias, como se estivesse apenas esperando por

MATHEUS FERREIRA

ela. Raquel decide alugá-lo no mesmo momento. Ao voltar para sua casa, manda mensagem para Daniel:

“É oficial: irei me mudar.”

“JÁ??? Você é muito rápida. Como é lá? Quando vai levar suas coisas? Eu te ajudo.”

“Consegui pegar a chave hoje mesmo, hehe. Alguns cômodos já estão mobiliados. Não vou precisar levar armário, máquina de lavar, fogão e etc. Apenas coisas como, sei lá, cama, mesa e coisas pequenas.”

“Certo. Quer ajuda para organizar as coisas?”

“Pode ser. Eu vou faltar a aula de amanhã para ter mais tempo, então você vem quando a sua acabar.”

“Fechou.”

APARTAMENTO 505

Raquel acorda por volta de 8h e começa a juntar algumas coisas em sua casa. Roupas, livros e outros objetos do quarto estavam quase todos guardados. Raquel pega a primeira caixa e decide levar à sua nova casa. Ela passa pelo corredor, desce as velhas escadas, abre o portão descascado e anda em direção ao seu futuro lar. Chegando lá, cumprimenta o porteiro, atravessa o longo corredor e chega ao encontro dos elevadores, e então, sobe até o quinto andar, abre a porta de seu novo apartamento e, no mesmo segundo, deixa sua caixa com roupas, livros e coisas do quarto cair no chão e fazer um barulho que poderia ecoar em todo o andar.

Raquel estava boquiaberta. As paredes do seu apartamento estavam mofadas. Os móveis

MATHEUS FERREIRA

estavam empoeirados. Haviam insetos correndo pelo chão. Era como se ninguém pisasse ali há anos. Ela dá dois passos para frente e, uma vez estando dentro do apartamento, a porta atrás se fechava sem ela perceber. Ela, chuta, soca, chora, pede socorro de todas as formas possíveis. Nada parecia adiantar. Ouve-se um estrondo do nada. Gotas de sangue começam a respingar. Raquel está ao chão e inconsciente.

Daniel sai da aula e vai direto para casa de Raquel. Chegando lá, pega sua chave no fundo da mochila e abre a porta lentamente. Não há ninguém. Ele vasculha todos os cantos da casa e observa que parte das coisas já está guardada. Decide abrir sua bolsa e pegar seu celular:

APARTAMENTO 505

“Oi, amor. Você está no apartamento novo? Estou aqui na sua casa e ainda há várias caixas espalhadas, pensei que já estaria quase acabando por volta desse horário.”

A mensagem é enviada, mas não entregue. Daniel fica cerca de 40 minutos no apartamento antigo de Raquel esperando por uma resposta. Após se cansar, decide ir embora.

“Acho que você deve estar dormindo. De qualquer forma, nos vemos amanhã. Me manda fotos do lugar. Beijo.”

No dia seguinte, Raquel desperta com a cabeça doendo. O local ao seu redor está bem mais escuro. Algo — ou alguém — trancou todas as janelas enquanto a mesma estava apagada. Tenta pedir qualquer tipo de socorro pelo seu celular, mas

MATHEUS FERREIRA

o mesmo estava com a tela escura e não ligava. Raquel começa a correr em círculos desesperada. O apartamento não havia saída. Todos os caminhos a jogavam para o mesmo lugar.

Na aula, Daniel estranha o fato de Raquel não estar recebendo nenhuma de suas mensagens desde o dia anterior e decide ir até o novo apartamento ao final da aula. Chegando lá, avisa o porteiro que procura uma garota que havia se mudado recentemente para o quinto andar. Ele passa os dados de Raquel para comprovar que a conhecia, e assim, sobe com o porteiro até o apartamento 505.

Do outro lado da porta, Raquel percebe que há pessoas se aproximando e fica eufórica na esperança de que, finalmente, possa sair daquele

APARTAMENTO 505

lugar. Quando Daniel e o porteiro abrem a porta do apartamento, se deparam com o cenário mais simplório possível; um ambiente totalmente vazio e desocupado. Não havia sinal de Raquel. Não havia sinal de qualquer outra pessoa ali.

Raquel abre um sorriso esperançoso acreditando que poderia sair dali. Levou pouquíssimos segundos para notar que não podia ser ouvida, ou vista, ou sentida. Daniel não enxergava nada além de um cômodo vazio e quieto. Após rodar todo o apartamento a procura de qualquer sinal de sua amada, decide ir embora e procurá-la em outro lugar.

Raquel apenas os observa enquanto chora desesperadamente. Aquela seria sua vida dali para frente.

GIOVANNI VELLOZO

Manhã adentro, Vanda prosseguia a sua atividade no apartamento duplo 309, como deveria ser. Na quietude do quarto, a pequena Dona Marta seguia deitada descoberta, como é comum em janeiro, envolvida pela pouca luz que saía de frestas da cortina. Produzindo o mínimo som, Vanda lustrou, com pano de pó, a cômoda, batendo de vez em quando o espanador, um momento no móvel, outro no uniforme, já meio surrado. Nela, os retratos de familiares, incluindo o móbile-árvore-genealógica, que alcançava desde os avós de Marta, se ramificando em quatro gerações com as respectivas fotos, uma caixinha de música já meio desbotada e com marcas de umidade, o frasco de remédios para dor com a posologia anexa, a garrafa e o copo de vidro usados pela patroa, brincos há

PREMEDITAÇÃO

muito não usados, anéis, joias cá e lá estiradas no móvel.

Terminado tudo isso, fechou a porta do banheiro anexo e do quarto, atravessou seu corpo magro e enrugado, e calmamente desceu as escadas. Lá embaixo, logo tratou de deixar as janelas e cortinas esgaçadas no térreo, com o vento levando embora uma leve poeira em fluxo pelos cômodos. Lavou as louças empilhadas na pia. Encerrou o assoalho, que já havia perdido o brilho nos últimos dias, apesar dos escassos passos que havia suportado.

Bateu dez horas. Foi conferir os lençóis. Trouxe uma trouxa deles ao quarto de hóspedes anexo, que comportava apenas uma cama rústica, uma escrivaninha de madeira carcomida pelas

GIOVANNI VELLOZO

traças e uma poltrona envelhecida. Todos os tecidos vieram numa bacia de nylon, e tratou de conferir um por um, do mais felpudo e escuro até os mais alvos. Bateu, esticou, amassou, repuxou, inclinou, dobrou, fez o diabo, mas com o cuidado de não rasgar nenhum. Atentou mais os olhos para um branco, comprido contudo resistente, de fios e fibras bastante entrelaçados. Dobrou ele por si mesmo até virar uma tira única e cilíndrica, ainda que não muito grossa, que pudesse dar nó em torno de si mesma, como num laço de boi. Colocou por cima da bacia e Bzzt.

Bzzt. A campainha. Vanda quase degingolou os lençóis no susto, agarrando a bacia a centímetros do que seria um estrondo no recinto. Bzzt bzzt, continuava. Deixou a bacia em cima da

PREMEDITAÇÃO

cama e foi à porta. O olho mágico não men — bzzt, bzzt — tia, era Seu Fábio. Respirou fundo antes que o zumbido fosse mais forte e abriu a porta.

— Bom dia, Dona Vanda! — abraçou-a, sem muita força, como que por convenção apenas.

— Bom dia, senhor Fábio... O que... O que o traz aqui?

— Ora, o que me traz aqui... Posso ver a mãe?

— Não! Quer dizer, não agora, com certeza.

— Olha só, trouxe isso aqui!

Ele mostrou uma sacola de papel reciclado, que dentro tinha dois pacotes, embrulhados em papel de presente verde, com o selo-marca de uma loja de roupa do Centro.

— É para...?

GIOVANNI VELLOZO

— É para a senhora, sim. E tem também o pacote da mãe também, lá embaixo.

— Muito obrigada, Senhor Fábio...

— Ora, não há de quê, por tudo que você fez por nós... Há quanto tempo que eu não vinha aqui...

Quase tremendo, Vanda tratou de avisar.

— A... A Dona Marta está ainda na cama, é que ontem fomos dormir meio tarde. O senhor não quer uma água?

— Opa, aceito sim, senhora, vim ainda meio no corre-corre pra cá. — sentou-se à mesa de jantar — O mercado nesse calorão não tá fácil...

— Só imagino, senhor... — e pegava um dos copos de cristal da prateleira no alto, para pôr a água da bombona. — Muito movimento lá na cidade?

PREMEDITAÇÃO

— É época de temporada, né, a gente fica bem ativo nesses momentos. Mas é bom, dá uma aquecida nas coisas. — Vanda trouxe a água — Muito obrigado — e bebeu em um gole só. — Vanda, pode se sentar aqui?

— Posso, sim... — dirigiu-se à mesa e falou baixinho, como em segredo — O senhor deve estar querendo saber como está a Dona Marta, imagino.

— Então, já faz tanto tempo que não venho aqui. Você tem feito a parte dos remédios nos conform-

— Sim!, claro, tudo direitinho, tudo...

— Como que ela tá pra andar?

— Olha, ela passa bem... Dona Marta tá melhorando das dores, mas também meio malemale, sabe como é. O que o médico receitou

GIOVANNI VELLOZO

tem surtido efeito, ela se queixou menos esses dias da coluna também. Mas é aquela, prefere o repouso...

— Ah sim, com certeza. Não deve ter te enchido tanto o saco então esses dias, hein? A mãe era difícil... — exalou um sorriso meio torto.

— É... Nisso ela deu uma acalmada sim, com certeza. Só infelizmente...

— O que foi?

— ... Não sei, sabe. Ela tá falando tanta coisa meio negativ-

— Que a mãe tem uma energia desse tipo, também não é novidade nenhu-

— É, Senhor Fábio, e olha que até entendo que chega uma certa idade é algo mais corriqueiro, mas me assusta um pouco. Nunca se sabe né.

PREMEDITAÇÃO

— O que exatamente ela fica falando?

— Bom... Não sei explicar, ela fica falando sobre quando não estiver mais aí, e de despedidas, não tem? De ter esses desânimos para acordar.

— Além do gênio, a mãe sempre teve um humor peculiar... — levanta — A Julia ou o Car-

— Pior que não, ninguém apareceu.

— Entendi... Bom, então vou lá falar com ela, deve estar com saudade.

— Não, não senhor! — puxou o braço de Fábio — Não sabes que ela precisa de repouso? Não vai querer matar ela de susto se estiver dormindo!

— Vanda, pelo amor de Deus, são quase onze, eu vim aqui para...

— A gente dormiu madrugada ontem, ela ficou escrevendo os papéis dela lá, o Senhor é filho

GIOVANNI VELLOZO

sabe como é. Mas ô, faço o seguinte, vou lá e vejo como tá, qualquer coisa eu te digo então como que estão as coisas. Tranquilo?

— Não vou machucar ela, por fav-

— São as ordens médicas, estou tentando seguir tudo, tudo o que o doutor dela manda para não dizerem depois que fui eu...

— Dona Vanda, pelo amor de...

— Não, porque o senhor sabe.

— Não se culpe — encostou a mão no braço dela. — Pode ir lá, não tem problema, e me diz se a mãe pode conversar. Se não der tudo bem.

Vanda então subiu as escadas, pé-ante-pé. Abriu, entrou, fechou a porta, num gesto mecânico. O quarto estava um pouco mais iluminado que mais cedo, com um pouco de luz saindo e atingindo os

PREMEDITAÇÃO

pés da cama de casal na qual se encontrava Dona Marta, deitada para cima na mesma posição. Não se ouvia um respiro.

— Dona Marta? — indagou quase em sussurro, Vanda.

A resposta não veio. Não haveria conversa. Então Vanda desceu com a notícia.

— Ela ainda está dormindo profundamente. Falei que não era para ir dormir tarde, mas ela é teimosa...

— Dona Vanda, não se culpe. Tudo bem, eu também devia ter ligado para cá hoje para ver essas coisas.

— Não, mas é complicado, a gente sempre tenta servir.

GIOVANNI VELLOZO

— A senhora já serviu bem a nós esses anos todos, certo? Não fique se depreciando.

— É que a gente tenta tudo...

— Tudo bem, por favor. — Encostou a mão no uniforme de Vanda, no ombro. — Fazemos o seguinte. A senhora tem o telefone da loja na agenda, não?

— Sim, sim, senhor. Aí eu aviso quando ela estiver desperta e o senhor pode vir sossegado. Posso até sair do apartamento, se o Senhor fizer questão.

— Vanda, por favor, chega disso.

— Tudo bem.

— Eu vou indo então — mais um abraço informal —, bom dia para a senhora.

PREMEDITAÇÃO

— Bom dia — enquanto fechava a porta com a chave.

Suspirou como extirpando uma dor só pelas vias aéreas. O vento continuava soprando o térreo, como que para longe de si mesmo. Vanda tentou se recompor por alguns minutos, sentando numa das cinco cadeiras restantes na mesa de jantar, inspirando profundamente e soltando pela boca o ar. Abriu o pacote de presente deixado por Fábio. Era uma camisola, tamanho G, estampa florida com margaridas desenhadas por todo o espaço, cobrindo um fundo arroxeadado. Depois de tirar o uniforme, à noite, poderia testar. Naquela hora, deixou o presente na mesa, num canto.

Virou-se para o relógio. Onze horas. Respirou fundo, e voltou até o quarto de hóspedes.

GIOVANNI VELLOZO

Pegou a bacia com os lençóis e então era subir, mais uma vez, as escadas. O silêncio era uma constante, não havia o que importunasse, mas, mesmo assim, estacou. Em um instante, deixou a bacia no chão, desceu o lance que havia já percorrido e foi até a mesa de jantar, pegar uma das seis cadeiras de mesmo modelo para subir. Suspirou, e seguiu a subida. De madeira de lei, o assento era pesado, e ao tentar pegar os panos, e Vanda sentiu desequilíbrio. Largou os lençóis e ficou apenas com a cadeira, que deixou estrategicamente em frente ao quarto de Dona Marta. Voltou para pegar a bacia. Agarrou-a e foi subir, na cautela.

No alto, abriu de leve a porta do quarto de Dona Marta até deixar espaço para entrar com a cadeira e a bacia. O corpo continuava estendido,

PREMEDITAÇÃO

imóvel, na cama. Sequer chegou perto, abriu direto a porta do banheiro e arreou no bacio a bacia com lençóis e no chão a cadeira.

Foi então tratar de enxergar o posicionamento. Quebrando o sossego, arrastou a cadeira no assoalho marchetado, esquerda, direita, mais à esquerda, não, um pouco mais para a frente agora. Subiu na cadeira, com cuidado pelo peso da idade, para testar, de costas para a porta. Deu uma leve agachada em cima do assento em que estava com os dois pés, para pegar o primeiro lençol da bacia, já enrolado. Tentou amarrar em cima do box, num corrimão alto, quase no teto. Jogou uma, duas... Só na terceira, firmou o lençol dobrado em cilindro. Deu o nó, fez o laço. Testou o pescoço, e conseguiu firmar um diâmetro razoável para caber

GIOVANNI VELLOZO

um cangote pouco menor que o seu. Vendo o chão, pensou alto.

— É, é uma altura boa.

Preparava para descer a cadeira, mas um ranger de dobradiça a fez parar. O laço ainda estava abraçando a papada de Vanda, quando a porta se abriu totalmente.

De pé e grogue, uma estatura feminina, idosa e de um metro e meio, em camisola, observava a cena, mexendo as mãos enrugadas no olho.

— Vanda... M-mas o que é isso?

A empregada paralisara.

— Senhora, senhora, eu juro, j-juro, não queria fazer nada para a senhora, Dona Marta...

PREMEDITAÇÃO

— Desce daí! Tás é doida! Eu que estou cheia das dores e tu que queres te matar? Vai, guria, anda, passa já.

Vanda desceu, retirando o pescoço do lençol amarrado. Cansada, Dona Marta foi até a sacada, e puxou as cortinas.

— Que solão! Onze e dez...

— Senhora, não é nada.

— Tu sabes que sou uma velha doente. E nem o mínimo para fazer, fazes também.

— Senhora...

— E o que é isso? — volta-se para a cômoda, agora na claridade. Sem muito equilíbrio, passa a mão entre garrafa, copo e retratos, até agarrar no frasco de remédios. Chacoalha, sem som. — Nem para comprares um novo vidrico não compras.

GIOVANNI VELLOZO

— É que...

— Tem nada de “é que...” E olha que ainda fomos dormir cedo, nem pra comprares remédio, nem pra me chamares em hora direita para acordar... És uma empregada de merda mesmo, Vanda, te contar...

... e Vida

Vermelhos Pelos Louros

SOFIA D'ÁVILA

A luz amarela do sol passa acanhada pela fresta da janela do quarto. Os pôsteres de cinema contrastam com a parede esverdeada que se ilumina aos poucos. Um vento suave balança a cortina, fazendo entrar o ar de um novo dia. Ruídos distantes se intensificam na rua: carros, vozes e passarinhos ressoam pelo apartamento. O celular começa a tocar “Camarão Que Dorme a Onda Leva” no despertador, marcando sete horas. Hortência abre os olhos devagar. De rosto sereno e corpo lento, ela espreguiça com os braços e pernas compridos pela cama e demora até desligar a música. Levanta tranquilamente, pega seu tapete azul de borracha e o coloca no chão de madeira. Começa a fazer uma sequência de movimentos de yoga, saudando o sol. Uma, duas, três, quatro

VERMELHOS PELOS LOUROS

sequências. Sua pele transpira algumas gotículas de suor e suas bochechas ficam rosadas. Ela para o exercício e senta em posição de lótus, com as mãos no joelho. Fecha os olhos e respira fundo. Sua concentração é interrompida por algumas lambidas na orelha. Sorri enquanto afasta aquele pesado monte de pelo louro que agora está em cima dela:

— Benê! — exclama dando risada e fazendo carinho no cão — Bom dia bonitão! Tá com fome né? Eu sei, eu sei. Tu nunca deixa eu terminar meu yoga mesmo. Não sei porque eu ainda insisto.

Hortência fica de pé e brinca com ele, um golden retriever grande e babão. Os dois vão assim até a lavanderia e ela pega o pote de ração. Benê pula em cima dela, quase a derrubando.

SOFIA D'ÁVILA

— Calma aí dog! Eita, guri apressado... — ela reclama e ele devora o café da manhã.

Ela volta pro quarto, pega um dos shorts e camisa de uniforme. Está escrito em azul: “Liga Feminina de Handebol Catarinense” numa malha esportiva cinza. Vai para o banheiro e liga o chuveiro. A água fresca cai em seus cabelos curtos tom castanho escuro, depois escorre por seu corpo magro e alto, torneando seus músculos definidos. Se ensaboia com sabonete de lavanda, passando-o por cicatrizes infantis e tatuagens adultas. Termina a ducha e veste a roupa para o treino. No quarto, se olha no espelho e faz uma careta de desgosto. Arruma o cabelo em um rabo de cavalo alto e anda descalça até a cozinha. Benê circula por perto dela com uma bolinha vermelha. Hortência toma uma

VERMELHOS PELOS LOUROS

água com limão e come ainda em pé uma banana madura. Abre a geladeira e observa o que tem. Fecha em seguida e olha para seu cachorro.

— Ai ai, acho que às vezes tu come por mim viu Benedito? — Fala pra ele ao mesmo tempo que tira a bolinha de sua boca.

Lança o brinquedo para a sala de estar, o que faz Benê correr desengonçado até lá. Ela vai na mesma direção, mal chega na sala e ele já está voltando com um sorriso-cão. Acaricia sua cabeça dourada e pega um livro na mesa redonda de vidro. Contém uma capa branca com uma pintura retangular de fundo azul marinho e um desenho abstrato preto e branco no meio. Nos cantos se pode ler: José Saramago, “As Intermittências da Morte”.

SOFIA D'ÁVILA

Ela se acomoda em uma poltrona de aspecto desgastado e abre o livro na página 45.

Vozes no corredor a fazem olhar para o número de páginas de novo: 70. O relógio na parede indica nove horas e quarenta minutos.

— Puta que pariu!! — exclama já correndo para o quarto.

Põe afobadamente na mochila uma muda de roupas, uma toalha de rosto, um chinelo de dedo, sua necessaire, carteira e chaves. Calça as meias longas e os tênis apressadamente.

— Tchau, tchau, tchau Benê! Tô atrasada, já já tô de volta pra gente almoçar.

Sai correndo pela porta, se embanana com a fechadura e desce depressa pelas escadas. Dois

VERMELHOS PELOS LOUROS

lances depois e ela quase esbarra com um homem robusto, que sobe vagarosamente e com dificuldade.

— Opa, Seu Pedro! Mal aí, como vai o senhor? — fala se afastando.

— Fala, querida! Tudo nos conformes, aquelas tranqueiras do condomínio de sempre mas corre lá que tô vendo que tais com pressa. — diz com sotaque manezinho.

— Valeuzão síndico. És um baita! — ela grita de longe e ele ri.

Hortência corre pela calçada esburacada da rua de casa. Desvia das pessoas, dos lixos, dos postes e atravessa a universidade numa velocidade surpreendente. Chega no ginásio esbaforida e atrai olhares das colegas que se alongam e da treinadora que segura uma prancheta.

SOFIA D'ÁVILA

— Ihhh ó a outra. Já chegou aquecida. — diz Karen que faz as outras meninas rirem.

— Bom dia Hortência! — cumprimenta de longe a treinadora Valquíria — Dá uma alongada enquanto as gurias aquecem.

Hortência, suada, larga a mochila no banco e anda com as mãos nas costas até Val.

— Tudo bem contigo, bonita? Segunda vez essa semana que tu chega em cima da hora. Tem jogo importante mês que vem, sabes disso. Mente são corpo são, hein!

— Pois é, tá tudo bem na real, eu só tô meio distraída ultimamente. Não vai se repetir, prometo. — responde Hortência cabisbaixa.

— Boa. Qualquer coisa tô aqui, viu? Agora vai lá alongar.

VERMELHOS PELOS LOUROS

Hortência pega o fone na mochila e coloca IAMDDDB pra tocar. Se direciona ao canto da quadra e faz o que a treinadora pediu. Seus movimentos parecem uma dança. De olhos fechados ela recompõe a respiração e os batimentos voltam pouco a pouco ao normal. Ela cantarola a música, entretida na prática e a treinadora chama:

— HORTÊNCIA!!! Acorda mulher, o treino vai começar.

Após o treino, no banheiro do ginásio, as meninas conversam sobre os planos para o fim de semana enquanto se limpam e trocam de roupa.

— Ah, sei lá, até quero encontrar esse boy mas não sei, o Tinder nunca funcionou comigo. Vai que é um cara esquisito de novo...

SOFIA D'ÁVILA

— Amiga, vai na fé. Qualquer coisa a gente vai estar no bar do lado e tu foge pra lá.

Algumas delas fazem que sim com a cabeça. Hortência termina de pentear o cabelo.

— Beijão, xuxus, tô indo pra casa dar comida pro Benê. Já passou do meio-dia e aquele lá come o que ver na frente se tiver com fome. Valeu o treino! Vejo vocês amanhã. — fala se afastando e manda beijos com a mão.

As meninas se despedem com acenos.

— É uma querida, né? Queria que ela desse mais rolê com a gente.

— Além de querida é uma linda!

— HMMMMM! Tá afim? Boa sorte, essa daí só se abre com o cachorro. — Karen fala e faz todas rirem.

VERMELHOS PELOS LOUROS

Hortência caminha calmamente de volta para seu refúgio. Sua respiração está pesada. Massageia os ombros e o pescoço e toma grandes goles de água. Contempla o seu entorno enquanto anda, observa as pessoas e seus afazeres. Suspira e esboça um sorriso. Um carro prateado com janelas cobertas por película está estacionado na esquina da rua de sua casa. Assim que ela passa por ele, alguém de dentro abre a janela repentinamente e Hortência dá um pulo.

— Te assustei gatinha? Entra aí pra dar uma volta comigo. — diz a voz masculina de dentro do carro.

SOFIA D'ÁVILA

Hortência não vira o rosto mas seus olhos acompanham o carro. Ela apressa o passo, ofegante e entra num mercado.

— Oi Aline! — ela cumprimenta a moça do caixa.

— Eai, flor. Tudo bem?

— Acho que sim... Tu conhece aquele carro meio cinza que tá na rua?

— Hmm, não sei não. Tá de novo parado ali na esquina? Vi outro dia quando tava voltando do trampo. No mínimo esquisito ele ficar parado ali.

— Pois é... — diz coçando a cabeça.

Ela adentra o estabelecimento com a testa franzida. Compra tomate, cebola, abacate e um cacho de bananas. Sai do mercado olhando para os lados e coloca o casaco na cintura. Ao chegar na

VERMELHOS PELOS LOUROS

entrada do prédio, olha para trás repetidas vezes à medida que gira a chave na fechadura. Sobe com os punhos cerrados e mordendo os lábios.

Em casa, Benê cheira a sacola na mão dela mas logo senta, abaixa as orelhas e vira a cabeça. Ela passa por ele sem dar muita atenção e vai direto ao pote de ração para alimentá-lo. Ele come um pouco e volta a olhar para a dona. Hortência vai até a cozinha e bota água pra ferver. Corta as cebolas, os tomates e o alho. Coloca o macarrão na água fervente e encosta no balcão. Sua perna mexe ininterruptamente e ela rói as unhas de maneira intensa. Seu celular toca, a chamada é de Ângela.

— Alô? Oi, mãe.

SOFIA D'ÁVILA

— Oi filha. Liguei pra avisar você que vamos pra Floripa esse fim de semana. Seu pai vai inaugurar mais uma agência do banco, e dessa vez é aí. Quero que você vá. Comprei um vesti...

— Tenho planos já. — interrompe Hortência
— Podemos jantar no sábado. Não vou na inauguração, não. Tu sabe que eu detesto essas coisas.

— Você vai, sim. Não tem desculpa. Exijo sua presença e seu pai também.

— Não vou e pronto. Tenho 23 anos, trabalho pra ganhar meu dinheiro, moro sozinha, não podes me obrigar a nada. Aceita.

— Não acredito que vamos ter essa discussão outra vez. Você é uma mal agradecida. Até aquela sua prima chata vai. Parece que é a única

VERMELHOS PELOS LOUROS

maneira de te convencer, já que ela é a única pessoa da família que você suporta.

— Chamo a Gabi pra ficar aqui em casa e a gente não precisa lidar com vocês e essa postura burguesa nojenta.

— Tudo que você é como pessoa é graças a gente. E a Deus, claro. Você tem que rezar e agradecer por ser uma jovem rica. Não esquece que eu ainda pago metade do seu aluguel, viu? Se continuar assim eu logo corto suas asinhas.

— Como tu é insuportável.

Encerra a ligação sem esperar resposta e põe o celular em modo avião. Bota as duas mãos no rosto e abaixa a cabeça. Revira os olhos e expira pesadamente. Ela termina o molho do macarrão e come com apatia. Deixa a louça por lavar, vai para o

SOFIA D'ÁVILA

quarto e coloca Pink Floyd no volume máximo. Se joga na cama e revira de um lado para o outro. Aperta os olhos bruscamente na tentativa de chorar, mas não sai uma lágrima sequer. Dorme com o barulho da música e das buzinas de carros da rua.

Acorda com o som de Benê arrastando a coleira no chão. O sol já se pôs e as luzes da cidade cintilam na janela. Ela pega o celular; sete horas cravadas. Tira do modo avião e vê as vinte e sete ligações perdidas.

— Inferno! — resmunga, virando de barriga pra baixo na cama. — Vamo passear, Benê, nada disso é culpa tua. Hoje tá tudo meio esquisito, me desculpa.

VERMELHOS PELOS LOUROS

Hortência tira a coleira da boca do cachorro, pega sua pochete escoteira e desce para a rua com Benê. As sirenes, buzinas e latidos geram uma confusão sonora. Seus passos rápidos condizem com seu rosto franzido e fechado. Benedito fareja os múltiplos cheiros que encontra e puxa sua dona pelo caminho. Leva ela mais do que ela o leva. No meio dos ruídos urbanos, Hortência ouve gritos vindos da pracinha. Num ato impulsivo corre até lá e se depara com uma mulher relutante, que tenta se desvencilhar de um homem alto e forte. À medida que se aproxima vê que ele está com o zíper aberto e empurra a moça para um canto escuro da praça.

— EI! EI! QUE PORRA É ESSA? — grita Hortência enquanto Benê late agressivamente. —

SOFIA D'ÁVILA

SOLTA ELA, SEU NOJENTO! SOCORRO!
SOCORRO!

As pessoas que passam na rua ouvem a gritaria, param e olham de longe, cochichando entre si e fazendo ligações. Hortência está cada vez mais perto do ato violento. Olha para o lado de relance e vê o mesmo carro prateado parado, dessa vez ligado e com a porta aberta. Ela não consegue segurar Benê. Ele corre intrépido em direção ao homem e o morde na canela.

— Cachorro maldito! Me larga! Me larga! —
o homem o chuta com força e tira uma faca do bolso.

Em uma atitude abrupta, ele afunda a lâmina no pescoço do cachorro. O vermelho de seu

VERMELHOS PELOS LOUROS

próprio sangue mancha os pelos dourados de Benedito, que choraminga imóvel.

— Não. Não... NÃO! — Hortência ruge com expressão incrédula.

Ela corre com todo seu corpo. Avança sobre o homem violentamente, que tenta fugir mancando para o carro. Alcança-o pelo braço e arranca a faca de sua mão. Joga a arma para longe. Seus olhos estão vermelhos. Seu punho livre está cerrado e com fúria encontra as costelas do homem. Depois o rosto, a genitália, e a barriga. Ele cai e sua cabeça bate no meio fio. A mulher vítima do ataque sai correndo sem olhar pra trás, mas não vai para muito longe e observa o desenrolar do acontecimento ao lado de Seu Pedro. Hortência está em cima do homem. Ele não reage mais. Os movimentos

SOFIA D'ÁVILA

frenéticos dela se tornam quase involuntários. Agora ela chora. Suas lágrimas se misturam com o seu suor. O síndico se coloca entre ela e o homem no chão, na tentativa de limitá-la. Ela reluta.

— EU VOU MATAR! EU VOU MATAR! Eu vou matar... Eu vou matar — repete infinitas vezes, diminuindo de intensidade ao passo que se entrega aos braços de Seu Pedro. Benê está no chão ensanguentado ao lado do homem. Nenhum dos dois respira mais. A via pública está congestionada. A multidão ensurdece Hortência, que desmaia no carro de Seu Pedro.

Hortência abre os olhos com esforço. Luzes brancas e paredes brancas hospitalares. Tenta levantar, mas está presa por fios que saem de suas

VERMELHOS PELOS LOUROS

veias. Alguém a toca, forçando seu corpo para a cama. Ela olha pro lado e os olhos apertam. As pessoas ao seu redor são como vultos e emitem vozes que ela não identifica. Devagar ela distingue duas figuras: seu pai e sua mãe. Eles a observam com raiva e pena nos olhos.

— Hortência, filha? O que foi que tu fez? O que é que deu em ti? As consequências... — sua mãe a questiona.

— Fodeu! Fodeu... — diz o pai caminhando pela sala do hospital.

— Do que vocês tão falando? Quem é Hortência? Quem são vocês? — ela diz recém-acordada.

O silêncio que se instala é ensurdecador.

Sobre o Que Adentra e Excede a Rugosidade da
Calçada

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

Otávia não havia dormido nada nessa noite. O que estava acontecendo era de proporções tão grandes que só não fazia sentido pra ela. Tinha ainda por cima um travesseiro novo que tinha se provado extremamente duro; suas costas doíam após uma semana com ele. Pôs-se de pé assim que a luz começou a entrar pelas frestas da persiana. Seu hábito, em meio a ansiedade, já tinha sido estendido por ela mesma em uma cadeira frente a cama logo antes de ir dormir. No café da manhã, rapidamente comeu uma fatia de melão e tomou meio copo de soro caseiro. Desceu as escadas do alojamento das irmãs, estas terrivelmente íngremes. Cada um dos finos degraus exigia bastante atenção. O dia era lindo e ensolarado.

SOBRE O QUE ADENTRA E EXCEDE A RUGOSIDADE DA CALÇADA

Ela andava com muita pressa, até que tropeçou em um desnível da calçada. Repentinamente contemplava como a calçada inteira na frente do alojamento era irregular, os desníveis intercalavam-se com pequenas lombadas infundáveis. Nenhuma dessas assimetrias passava de alguns poucos centímetros. Todas aquelas desproporções pareciam se impor como uma muralha. Cada detalhe presente naqueles relevos parecia se opor a qualquer avanço. Otávia não conseguia respirar, então se encolheu toda no chão e começou a chorar, enquanto com a boca aberta tentava violentamente puxar o ar que se recusava a entrar. Na ponta dos dedos agora era possível sentir como tudo era áspero. Por que o solo dessa cidade

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

pequena tinha que carregar tanta aspereza? Por que no alojamento das freiras?

Agora, sentada no salão da paróquia, era cercada por outras Irmãs. Ela não era a mais velha, tampouco mais nova do que a maioria delas. Algumas das freiras ali tiveram aula com ela, mas não era possível reconhecer ninguém. Naquele dia talvez elas não importassem.

O Cardeal entrou pela porta sozinho. Somente um Cardeal, sem nem sequer algum segurança; eram tão poucas pessoas ali. Quando aquele choro baixinho foi ouvido que ela olhou pra ele pela primeira vez. Até então o carrinho de bebê ao lado dela tinha passado despercebido. Era um recém-nascido como qualquer outro, não devia passar de um mês de vida. A pele era lisa e quente, a

SOBRE O QUE ADENTRA E EXCEDE A RUGOSIDADE DA
CALÇADA

criança nunca tinha sido tocada por ninguém fora a mãe. Não usava fralda e chorava muito baixo; o frio devia dar cólicas ao bebê.

Agora o cardeal já falava há quarenta minutos; em nenhum deles sequer olhava pra criança. Ninguém olhava. Ninguém sequer escutava. Todos, absortos pelo conceito que mantinham ali, não viram a Irmã Otávia de pé junto ao carrinho.

Ela corria tão rápido quanto suas pernas permitiam. O carrinho era leve, balançava muito. A criança, que agora já não chorava mais, mantinha-se sem reação audível pra tanta agitação. Otávia carregava uma expressão rígida em sua feição, se esforçava pra só olhar pra frente. Chegavam rapidamente cada vez mais perto do alojamento; ele

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

precisava estar vazio agora. Só era necessário atravessar uma rua de paralelepípedos pra dar na calçada da frente da casa das Irmãs. O carrinho tremia com o solo que se tornava cada vez mais irregular, os braços dela ficando dormentes com a vibração. Eles sobem a calçada em um solavanco, o carrinho salta, e então ele cai. Ninguém toca o chão.

Tanto o bebê quanto a Irmã Otávia entram no intervalo de poucos centímetros entre alguns desníveis do solo.

O espaço pequeno que se tinha no chão não aumentou de tamanho, muito menos alguém diminuiu; mas, agora, aquela fenda os envolve. Ninguém toca o chão, ninguém flutua. Não se escuta nenhum som. Otávia não respira, olha sem expressão pra criança que permanece quieta. Os

SOBRE O QUE ADENTRA E EXCEDE A RUGOSIDADE DA
CALÇADA

braços da Irmã ainda estão dormentes. Cada momento passa sutilmente sem ser percebido; o tempo funciona na medida em que Otávia tenta reparar nele.

— Eu to sendo punida com o limbo? — Ela pergunta quebrando o silêncio. De imediato continua falando sem dar tempo a uma resposta — Eles iam matar uma criança que não tinha culpa de ser quem é, não tem sentido.

Ambos, tanto Otávia quanto criança, agora se encaram um frente ao outro.

— Fui eu quem fez isso acontecer? — Ela indaga.

— Sim — Ele responde.

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

— Eu fiz o que de errado meu deus? Isso tudo só não pode ser — Ela continua, agora sem respostas.

Sua feição não carrega mais aquela rigidez, tem sim um franzimento de todos os músculos da face. Seu rosto se fecha. Ela começa a se contrair por inteiro, encolhe-se na medida em que pensa cada vez mais no que acontece ali. Enquanto se aperta dentro de si mesma, as texturas que a calçada carregava vão escurecendo até que se esvaziem em um negrume sem fim. Então ela começa a gritar. O seu som, pelo menos, consegue parecer fugir dali. A voz carrega um desespero crivado pelo ranger dos dentes. No vazio que ali existe, o grito não tem anteparo, não ecoa, não tem retorno. Só a criança escuta a agonia centrífuga dos berros da Irmã, que

SOBRE O QUE ADENTRA E EXCEDE A RUGOSIDADE DA
CALÇADA

se sente patética mas não liga o bastante. Não muda o tom, nem sequer possui um, mantém-se nessa única ilusão de evasão do que já não é mais nada. A noção de tempo parece ter se contraído junto a ela, que já berra pelo que pareciam dias, talvez séculos. Aos poucos, seu rosto se abre um pouco mais. Agora, nesse ponto, algum grito talvez já tenha conseguido fugir. O tempo volta a suas proporções originais, ela também. Talvez tenha servido de algo esse tempo despendido aos berros, talvez não, é mais algo que já não importa. Agora que sabe que não se mantém atrelada a nenhuma limitação do tempo, o imediato passa a ser o único momento que vale algo. Então ela para de gritar.

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

— Onde que a gente tá? — Ela pergunta, finalmente voltando a buscar entender. Nesse momento o vazio se racha acima deles.

— A pequena rachadura no chão que nos abrigava agora já não tem mais forma, tudo ligado a ela também já não existe mais — Ele pontua seguido de uma breve pausa, esta acompanhada de um inspirar carregado que parecia ter apenas razão expressiva — Antes de nós entrarmos naquela fenda, a única que estava disposta a nos abrigar, ela passou por várias formas. Em toda sua existência ela inclusive chegou a ser coberta diversas vezes, tão fechada quanto tu também foste em um momento do nosso convívio — Ele para novamente, mas agora parece encontrar as palavras que procurava muito mais rápido, logo retoma sua fala — Na específica

SOBRE O QUE ADENTRA E EXCEDE A RUGOSIDADE DA
CALÇADA

manhã do que foi o último hoje, ela se encontrava mais desnivelada do que jamais fora, isso, porque você a merecia mais do que qualquer um que já andou. Se tu não fizesses o que fez talvez seria intermitente a condição carente de interrupção que o tudo já não suportava mais.

— Isso foi o fim? — Ela torna a perguntar.

— De fato foi o fim de algo — Ele responde sem hesitar.

— Então foi o arrebatamento, eu to sozinha no pós-vida — Otávia aponta, mas ainda carregando na fala uma insegurança que espera uma resposta.

— Só, e livre — Ele esclarece então.

JOÃO VITOR ANTUNES CAMARGO

Enfim Irmã Otávia volta a respirar, agora porque queria. O vazio inteiro se abre e perde qualquer aspecto que já teve. Ambos viram barro.

— Quantas vezes isso já aconteceu?

— Desse modo, nenhuma. De jeito parecido, talvez umas cinco.

— Alguma vez não aconteceu?

— Permanece não acontecendo quase sempre, mas creio que o que vem depois do não acontecer não interessa agora.

O silêncio volta, mas agora não lhe cabe permanecer.

— Então, faça-se a luz.

E a luz se fez.

ANA LAURA CANCELIER

A rodovia para Sagres, Portugal, se mostrava pacífica naquela manhã. Um ou dois carros haviam ultrapassado o velho *Passat* amarelo de Elena, emprestado por sua mãe, nas duas horas de viagem corridas. De dentro do veículo se ouvia apenas o barulho das rodas do carro se chocando contra os numerosos pequenos buracos do asfalto desgastado, acompanhado de uma versão acústica de “Stayin’ Alive” do Bee Gees, que tocava do celular da jovem, já há algum tempo sem sinal. No banco do passageiro, Jonas, seu colega, dormia agarrado com o equipamento de fotografia partilhado pelos dois estudantes de Biologia. Eles seguiam em direção à “planície das aves perdidas” com o propósito de fotografar a migração outonal de pássaros para seu trabalho final do semestre.

NÃO IDENTIFICADO

Elena transitava seu olhar entre a estrada empoeirada e o aplicativo de GPS, que os levava até a casa reservada pelo *AirBnB*, ou melhor, cômodo da casa, quando sentiu o carro passar um buraco grande, o que rapidamente acordou Jonas. “A câmera!”, ele exclamou de olhos arregalados. “Desculpa! Desculpa! A gente tá quase chegando, é só pegar essa última estrada de chão”, Elena respondeu virando o veículo à direita, assim adentrando em uma abertura pouco maior que o carro, em uma cerca de madeira branca na beira da rodovia.

Alguns quilômetros adiante, uma chaminé vermelha apareceu no campo de visão dos dois, acompanhada de uma pequena colina com uma plantação de milho e o topo de um farol. “Aquilo é

um farol de verdade? Olha quanto espaço... Pelas fotos parecia só uma casinha!” Jonas disse, franzindo as sobrancelhas. Como resposta, recebeu apenas um agudo “É...”, seguido de um leve sorriso, da amiga, que então dirigia o carro sobre a colina até alcançar a casa, que ficava na crista de uma falésia. No topo, um vento frio batia e puxava para fora as cortinas das janelas, abertas, da casa branca enquanto o par saía do veículo, explorando o ambiente com seus olhos. De fora, conseguiam ver mobília antiga e uma placa empoeirada com os dizeres “Bem-vindos!”, a qual, assim como o silêncio que reinava no lugar, aumentava a aparência de que o mesmo estava abandonado. “Você tá vendo a proprietária?” perguntou Elena. Jonas negou com a cabeça. “Ei!”, ela gritou, “Alguém aí?”. Sem

NÃO IDENTIFICADO

resposta. O rapaz fixou seus olhos espremidos e sobranceiras arqueadas na amiga. “Ótimo! A gente vai dormir no carro. Noventa euros jogados no lixo.”, disse ele. “Uma hora ela vai aparecer. Ela é velha e tudo aqui é longe” replicou a jovem, “Mas ainda é dia, as migrações já tão acontecendo, olha lá!” e apontou para um bando de gaivotas em formação triangular no céu, com um pequeno sorriso. Jonas correu até os equipamentos no carro, sacando a câmera e a direcionando para as aves. “Olha iss-” sua fala deslumbrada foi cortada por um som alto, de metal se chocando contra metal, vindo da direção do topo do, até então inerte, farol, que fez os olhares da dupla se virarem para o mesmo. Lá, avistaram uma porta de aço, e, mais abaixo, uma escada discreta. Jonas apontou a câmera na sua

direção, até que, subitamente, um lenço avermelhado entrou em quadro, se contorcendo, caindo, até que o vento o levou para longe. “O que foi isso, Lena?” ele falou, em tom alto, tirando os olhos do visor da câmera para Elena. “Você clicou?”, ela perguntou. Ele confirmou com a cabeça. “Deve ter sido o vento. Vamos só tirar as fotos e esperar.” ela replicou, reanalisando a paisagem pelos cantos de seus olhos.

Algumas horas silenciosas se passaram enquanto os dois colegas enquadravam os diversos grupos de aves que transitavam, seus gritos entusiasmados ecoando pela paisagem desnivelada. O sol já iniciava seu percurso de descida quando Jonas entregou a câmera nas mãos de Elena e, bocejando, anunciou: “Não aguento mais ficar em

NÃO IDENTIFICADO

pé. Vou deitar um pouco. Se a velha chegar, dá um berro”. A jovem, com um pequeno sorriso no rosto, respondeu um simples “Ok” e partiu na direção oposta do rapaz, que caminhava até o carro. Elena passou o farol por alguns metros e se posicionou no chão, virando a máquina para um aglomerado de cegonhas no céu, sem obter sucesso para focar nas mesmas. Com sobrancelhas franzidas levantou e identificou mais à frente uma árvore de médio porte, para a qual correu. Ao alcançar ela, encontrou um galho maior e mais estável e iniciou a subida com a câmera presa em seu pescoço. Atingindo-o, esboçou um sorriso ao enquadrar as cegonhas, agora em foco, até que, de súbito, algo entrou no quadro. Elena moveu os olhos do visor para os galhos à sua frente. Lentamente seu campo de visão

captou seda amarelada, se desfiando, se mesclando com tons de vermelho ferrugem desbotado: um lenço, preso. Estendeu suas mãos, o alcançando com as pontas dos dedos. O tecido empoeirado cheirava a algo metálico. Virava ele em suas palmas de um lado para o outro até que suas pupilas dilataram ao identificar que o vermelho não fazia parte do tecido, mas era, na verdade, sangue seco, já se esfarelado. “Não pode ser” ela murmurou para si, abrindo o visualizador de imagens da câmera apenas para confirmar que sim: os cliques que Jonas tinha feito mais cedo eram do mesmo lenço voando na direção do farol. Seu corpo, já trêmulo, a desequilibrou, fazendo com que caísse da árvore com a máquina em mãos e de joelhos roxos, o pedaço de tecido caído ao seu lado. Em pé, passou a encarar o topo do

NÃO IDENTIFICADO

farol com olhos espremidos. Eles lacrimejavam com o vento forte, salgado, enquanto ela caminhava de volta para a casa, em silêncio. Subitamente, um barulho agudo cruzou a paisagem: a porta do farol havia se aberto. Os ombros de Elena se fizeram tensos, e sua boca, aberta. Tudo estava escuro lá dentro, mas algo se movia em direção à luz. Primeiro, sem forma, mas rapidamente contrastando contra a tinta bege do farol, uma mão deformada como a de um réptil, mas alongada, e esverdeada. Ela se colocou na moldura da porta, permitindo que uma gosma brilhante e marrom fosse liberada, e rapidamente a fechou. Elena soltou um suspiro. Sua cabeça virava em ritmo acelerado da árvore para a porta do farol e para o carro enquanto corria. Lágrimas escorreram dos seus

olhos quando, ao ouvir novamente o barulho agudo da porta, tropeçou em uma pedra na sua frente, ferindo seus cotovelos e testa. Alcançando o carro, sangue escorrendo pela têmpora esquerda da garota, Jonas, com o rosto amassado e voz rouca gritava “De novo! Você ouviu?”. A colega respondeu, gritando de volta: “Corre! Pega o volante, dirige agora! Eu não sei o que era aquilo”. “Aquilo?”, do banco do motorista ele virou olhos arregalados para a jovem ofegante ao seu lado. “Só vai!” ela ordenou. O rapaz obedeceu, suas mãos um pouco trêmulas mudando a marcha e acelerando o *Passat* pela estrada de chão até a rodovia, em silêncio, deixando para trás a casa branca, ainda com as janelas abertas. Ele pegou seu celular com uma das mãos e “Stayin’ Alive” começou a tocar novamente.

MARINA TANCREDO

O grunhido das mais de dez aves em frente ao Hotel Fuerte, o som das ondas quebrando junto com as famílias que vão embora, com crianças insatisfeitas chorando, e as vozes altas dos jovens que apenas agora chegam na praia criam um ambiente caótico. Carmen Aragón desvia o olhar do livro em suas mãos a cada cinco segundos. Em um movimento rápido, ela o fecha e coloca na bolsa de palha ao seu lado, ajeita os óculos escuros em seu rosto e se levanta, juntando e dobrando a toalha onde estava sentada. Ela caminha por entre as várias pessoas deitadas na areia até chegar na calçada que marca o fim da extensão da praia. Alguns carros trafegam pela rua e Carmen os aguarda passar para enfim atravessar a estrada e,

MARBELLA

em seguida, subir as escadas que levam ao hall do hotel em que está hospedada.

A recepção fica no fundo do salão e, indo em sua direção, ela vê alguns homens de terno nos salões de jogos, todos com seus charutos em mãos. No caminho, é interrompida por Carlos, que se aproxima e beija a mulher, fazendo com que esta dê um passo para trás.

“Carlos! Você me assustou. Acabo de voltar da praia, vou tomar um banho e pedir que levem o almoço no quarto. Peço para você também?”

“Mas é claro que não, nem para mim nem para você. Lembra que marcamos de almoçar com Senhor Rodriguez?” ele diz, virando para um dos homens no salão pelo qual ela havia acabado de passar. “Ele é extremamente influente em Madrid, e

MARINA TANCREDO

seria muito importante se você fizesse um esforço e fosse simpática com a esposa dele. Sabe que viemos passar o verão em Marbella porque ele estaria aqui”.

Carmen agora tem uma expressão séria. Ela se despede de Carlos e continua seguindo até a recepção, onde pega a chave de seu quarto.

O chamado do telefone faz Carmen pular em sua cadeira e derrubar um pouco de chá no tapete da pequena sala de estar do quarto. Ela apoia a xícara na mesa e levanta, sem se importar com o líquido derramado. No quarto toque, ela alcança o aparelho.

MARBELLA

“Carmen?” a voz soa baixa, quase como um sussurro.

“Isabel!” Carmen exclama o nome da outra de maneira aliviada. “Achei que não me ligaria! Já passa das quatro...”

“Me desculpe, tinha muito o que fazer hoje, na padaria. Dona Marisol resolveu passar o dia na praia e me deixou sozinha.” Isabel a responde, agora com um tom normal.

“Tudo bem, Bel. Achei que havia desistido de sexta.” Ela vai até a janela mais próxima e a abre, um prédio cinza e pequeno fica atrás do hotel. Carmen procura a sacada com cortinas azuis no segundo andar e lá está Isabel, olhando em direção à janela de cortinas brancas.

MARINA TANCREDO

“Vestido novo?” pergunta Isabel. “Espero que não tenha se desfeito daquele branco, fica tão bonito com o chapéu e as sapatilhas.” Um riso abafado é ouvido e deixa um sorriso no rosto de Isabel.

“Ele está na lavanderia. Carlos achou estranho que eu tenha levado todas as minhas roupas para lavar hoje de manhã. Falei que estava incomodada com a maresia!” Agora ela solta uma risada alta que preenche o espaço, fazendo com que olhe para trás a fim de certificar-se que está realmente sozinha.

“E ele, com certeza, acreditou!” As duas riem e ficam quietas por um instante, olhando uma para outra. O silêncio é quebrado pelo alarme de um Mustang azul estacionado no fim da rua que separa

MARBELLA

os dois edifícios. “Carmen, preciso ir. Tenho muito o que organizar, preciso encontrar alguns documentos para poder concluir minha demissão amanhã. Lembre-se: encontro você às 22h na frente de seu hotel daqui dois dias, tudo bem?”.

“Tudo certo, Bel. Até sexta.” A ligação é finalizada, Isabel some da janela e Carmen caminha até a mesinha onde fica o telefone, devolvendo-o ao gancho.

As cortinas ocupavam metade do quarto devido ao forte vento que entrava pelas janelas. Carmen e Nina estão sentadas no sofá.

MARINA TANCREDO

“Como está Isabel?” A simples menção ao nome faz Carmen sorrir.

“Ótima. Falei com ela ontem no telefone, nos encontraremos amanhã, na frente do hotel”.

“Para onde vão mesmo? Valencia?” Carmen concorda com a cabeça enquanto toma um gole do seu suco de laranja. “Sabe que não concordo, com tantos lugares para ir, vocês escolhem justo Valencia?” Nina balança a cabeça, desaprovando a decisão da amiga.

“Já falei, Nina, Bel tem família na cidade. Será mais fácil nos primeiros meses, depois podemos nos mudar e ir para outro lugar, Mallorca talvez. Não seria nada difícil me acostumar a morar em uma ilha.” As duas riem por um momento e

MARBELLA

então ficam em silêncio. Nina alcança a mão da amiga e a segura de maneira leve.

“Você não sabe o quanto me alegra vê-la feliz assim. Espero que tudo dê certo para vocês duas, mas, por favor, não deixe de me escrever!” A voz soa triste, mas ela está sorrindo. “Se quiser ajuda para arrumar as malas, me chame. Amanhã Francisco ficará fora o dia todo em tediosos encontros com Senhor Rodriguez”.

“Bom, isso é, com certeza, algo que não vou sentir falta.” Nina concorda enquanto desembaraça os cabelos com os dedos. “Preciso ir me ajeitar para o jantar, encontro com você lá.” Carmen levanta e abraça amiga, agora de pé também.

MARINA TANCREDO

O sol está fraco, quase se pondo. Algumas pessoas andam na praia, crianças correm pela faixa de areia enquanto seus pais observam de longe. Carmen está na frente do Hotel Fuerte observando toda aquela movimentação. Ela ajeita o chapéu mais de cinco vezes, passa as mãos pelo comprimento do vestido branco, olha as horas no relógio em seu pulso. 18h. Mais quatro horas. Carlos surge atrás dela chamando-a para o jantar. Com um suspiro ela se vira e o acompanha até o salão enquanto, mais uma vez, olha o relógio.

“Vou até o quarto de Nina. Ela comprou novos sapatos e está insistindo em me mostrar.”

MARBELLA

Carlos está sentado no sofá, um livro em uma mão e um charuto na outra, Carmen atrás dele. Ele apenas murmura um “vá” e ela o deixa sozinho no quarto. Em um passo apressado, quase correndo, ela chega ao elevador e aperta o botão com o número três repetidas vezes, como se o fizesse ir mais rápido.

As portas do elevador se abrem e ela percorre todo o corredor até chegar no quarto 310, batendo mais de uma vez. Nina aparece com um sorriso e a deixa entrar. Carmen se despede da amiga mais uma vez e pega suas malas que estavam ao lado da porta. De novo, corre até o elevador, pressionando os botões mais de uma vez.

O saguão do hotel está quieto e o único recepcionista está distraído com o jornal do dia e um pacote de bolachinhas. Ela caminha devagar

MARINA TANCREDO

com um olhar assustado. Após atravessar todo o hall, chega nas escadas onde mais cedo observou a movimentação do final de tarde. Isabel está a alguns metros da entrada, no lado esquerdo. As duas vão na direção uma da outra, Carmen segura delicadamente o rosto de Isabel e a beija.

“Estava ficando preocupada, achei que não viria mais e eu teria que ir sozinha para Valencia, já que Dona Marisol provavelmente não me aceitaria novamente”.

“Mas é claro que não. Esperei o momento em que sabia que Carlos estava prestes a dormir, para que não vá me procurar no quarto de Nina ainda hoje.” Isabel ri da história e segura a mão de Carmen a guiando até o fim da rua, onde havia um Mustang azul. Ela coloca as malas no banco de trás e

MARBELLA

as duas entram no carro, o som do motor ecoa pela rua silenciosa e os faróis iluminam o local.

NATÁLIA MÜHLEMBERG

Era meia-noite.

Um homem e uma mulher estavam parados em frente a um casarão de tonalidade amarela desbotada, com as enormes janelas no estilo veneziano caindo aos pedaços. Iluminados pela fraca luz do poste, o casal dava as trêmulas mãos.

— O último bonde passa daqui a pouco. — Sussurrou a moça. Ela colocou um cacho dos cabelos castanhos atrás da orelha e encarou o homem de paletó engomado à sua frente. — Eu preciso ir.

O homem suspirou pesadamente.

— Não há uma forma de você não se casar com ele? Poderíamos fugir, Zélia. Eu tenho um primo em Paraty que poderia nos ajudar, depois iríamos para o Uruguai.

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

— Não tem, Mateo. Eu te amo, mas quero me casar com ele. — Ela segurou o pingente do colar com força. — Você não entende a estabilidade que eu posso conseguir com ele. Você nunca iria poder me dar isso. — Seu tom era quase seco.

— Eu sei que não posso competir com um bendito barão. — Ele passou a mão pelo rosto, o timbre da voz aumentando. — Se você realmente me quisesse e quisesse sua felicidade, você não iria com ele.

— Não diga isto. Você não sabe o pão amassado pelo Diabo que eu comi para estar aqui hoje.

O homem começou a andar de um lado para o outro, passando a mão pelo cabelo perfeitamente arrumado em um topete. Ele ajustou o botãozinho

NATÁLIA MÜHLEMBERG

que fica na manga uma, duas, três vezes. Sua têmpera enrugou-se. Ele avançou na direção da moça, tropeçando em uma lajota, fazendo com que caísse aos pés dela.

— Eu te imploro! Não sei mais o que fazer! O que te dizer! — ele parecia estar à beira das lágrimas. — Você quer que eu me humilhe por você?! Quer que eu grite, aos prantos, por favor, por favor! Não se case com o...

— Não diga o nome dele em voz alta! — repreendeu a moça, Zélia, com os olhos marejados e a voz embriagada, mexendo no colar em seu pescoço. — Se levante, homem! Que vergonha!

Ela enxugou as lágrimas com a manga do vestido. Tirou seu colar. Ele tinha um pingente de

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

jade. O colocou na mão de Mateo e fechou os dedos do homem em torno do colar.

Era meio-dia.

Uma jovem levantava-se das cobertas feitas de retalhos em direção à janela do quarto. A janela dava em direção à rua, onde ela observava o escasso movimento de pedestres por aquelas bandas. Um homem em questão chamou sua atenção. Ele estava sentado no paralelepípedo em frente à pequena mercearia do outro lado da rua. Estava bem vestido, o paletó branco era perfeitamente costurado e os sapatos bem engraxados. Ele observava uma fotografia em suas mãos.

NATÁLIA MÜHLEMBERG

Mesmerizada pelo homem, sua atenção foi abruptamente voltada à porta de seu quarto sendo aberta com força. A figura de uma mulher de meia idade preencheu o batente.

— Jocasta, menina! Vistes aquele homem parado lá fora?

— Qual, Dona Flor? O de paletó dos bom?

A senhora ajeitou o xale e andou até a janela. Junto com a moça, voltaram novamente sua atenção ao homem lá embaixo.

— Ele parece ter dinheiro né? — a senhora coçou o nariz. — Esse tipo de corte não se compra desses lados da cidade não.

Elas observavam o homem parar alguns pedestres na rua, conversar e mostrar a fotografia que carregava consigo. Em seguida, abordou

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

algumas mulheres que fofocavam entre janelas no prédio azul ao lado de Jocasta.

— Será que ele tá procurando alguém, Dona Flor?

— Deve ser isso, menina. Pode ser um policial também. O que mais se faz por essas banda quando vocês tão tudo dormindo?

Jocasta estava lavando os copos de uísque do balcão enquanto uma das meninas treinava uma nova canção no piano mais à frente do bar. As cadeiras estavam colocadas em cima das mesas, uma pilha de toalhas decorativas se encontrava em uma cesta de vime ao lado do pianista, no pequeno

NATÁLIA MÜHLEMBERG

palco teatral que o lugar possuía. O chão tinha manchas de líquidos.

Quando ela guardava o último copo na prateleira, todos congelaram ao ouvir uma batida na grande porta de madeira. Sem cerimônias, quem batia na porta entrou. Era o homem de mais cedo.

— Boa tarde... — tentou falar enquanto tirava o chapéu, mas foi logo interrompido por Jocasta.

— Não abrimos ainda, senhor. Volta daqui a pouco, se quiseres uma dose. Se for uma menina, só quando escurecer.

O homem olhou em volta do ambiente. Caminhou em direção ao bar e sentou-se. Tirou dois objetos de seu paletó e os colocou em cima da

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

madeira. Jocasta o encarava, com a mão na cintura e o rosto com “cara de poucos amigos”.

— Eu não quero nenhuma menina, não, senhorita. A não ser que você conheça essa da fotografia, aqui. — Ele apontou para a moça na fotografia. Seu cabelo estava preso num elegante coque, contrastando com a pele exposta. — Venham vocês dois aqui também. — Apontou para a menina, Gabriela, e o pianista.

Gabriela se aproximou, deitando o peito em cima do balcão e sorrindo sugestivamente para o moço do paletó. Jocasta revirou os olhos.

— Que elegante! Olha esse cabelo, Jocasta!
E essas joias!

NATÁLIA MÜHLEMBERG

— Eu nunca vi essa moça por aqui, meu senhor — disse o pianista. — O senhor sabe o nome dela?

— É Zélia. Ela morava por aqui, aparentemente. Era o que ela me disse muitos anos atrás. Que ela morava num desses quatinhos durante o dia e à noite neste bordel aqui. Algumas pessoas na vizinhança me falaram que, às vezes, ela aparece por aqui, mas não trabalha mais.

— Olha, meu senhor, muitas dessas meninas, quando conseguem sair daqui, trocam de nome — respondeu o pianista.

Jocasta olhava fixamente para a fotografia.

— Ela parece uma moça que trabalhava aqui. Mas o nome dela não é Zélia, acho. Talvez a Dona Flor saiba.

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

— E quem seria essa Dona Flor? —
perguntou o moço.

— A dona deste estabelecimento — replicou
uma senhora, descendo as escadas.

O homem do paletó se levantou, pegando a
fotografia na mão e caminhou em direção à Dona
Flor. Pegou sua mão e beijou levemente a palma.

— Boa noite, minha senhora. A senhora, por
acaso, conhece essa moça? — apontou para a
fotografia.

Dona Flor olhou para a imagem. Seu rosto
relaxou e ela abriu um enorme sorriso para em
seguida fechar, como se estivesse com dor. Ela
engoliu em seco antes de responder o homem.

— Olha, moço, o senhor é bonito demais
para ficar procurando por ela. Eu tenho tantas

NATÁLIA MÜHLEMBERG

moças que o senhor ia gostar... — olhou para os lados, as mãos tremiam levemente.

— Então a senhora conheceu a Zélia? Ela ainda visita? - o homem apertava a barra do seu paletó, seu rosto tentava não exprimir nenhuma emoção.

— Zélia?! — ela riu cinicamente. — Que Diabos de nome é esse?! Deolinda é o nome dela, uma beleza divina, uma personalidade daquele lá de baixo, meu filho. Ela costumava trabalhar aqui à noite, servindo clientes. Mas logo um dos ricos da cidade quis levar ela e ela quis ir. Me pagou tudo que devia. Já fazem uns cinco anos. Ela aparece às vezes. — Ela apontou o dedo no rosto do homem. — Se eu fosse você, desistia de achar ela.

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

Era meia-noite.

Um homem e uma mulher estavam parados em frente a um casarão de tonalidade amarela desbotada, com as enormes janelas no estilo veneziano caindo aos pedaços. Iluminados pela fraca luz do poste, o casal dava as trêmulas mãos.

— O último bonde passa daqui a pouco. — Sussurrou a moça. Ela colocou um cacho dos cabelos castanhos atrás da orelha e encarou o homem de paletó engomado à sua frente. — Eu preciso ir.

Mateo suspirou pesadamente.

— Não há uma forma de você não se casar com ele? Poderíamos fugir, Zélia. Eu tenho um

NATÁLIA MÜHLEMBERG

primo em Paraty que poderia nos ajudar, depois iríamos para o Uruguai.

— Não tem, Mateo. Eu te amo, mas quero me casar com ele. — Ela segurou o pingente do colar com força. — Você não entende a estabilidade que eu posso conseguir com ele. Você nunca iria poder me dar isso. — Seu tom era quase seco.

— Eu sei que não posso competir com um bendito barão. — Ele passou a mão pelo rosto, o timbre da voz aumentando. — Se você realmente me quisesse e quisesse sua felicidade, você não iria com ele.

— Não diga isto. Você não sabe o pão amassado pelo Diabo que eu comi para estar aqui hoje.

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

O homem começou a andar de um lado para o outro, passando a mão pelo cabelo perfeitamente arrumado em um topete. Ele ajustou o botãozinho que fica na manga uma, duas, três vezes. Sua têmpora enrugou-se. Ele avançou na direção da moça, tropeçando em uma lajota, fazendo com que caísse aos pés dela.

— Eu te imploro! Não sei mais o que fazer! O que te dizer! — ele parecia estar à beira das lágrimas. — Você quer que eu me humilhe por você?! Quer que eu grite, aos prantos, por favor, por favor! Não se case com o...

— Não diga o nome dele em voz alta! — repreendeu a moça, Zélia, com os olhos marejados e a voz embriagada, mexendo no colar em seu pescoço. — Se levante, homem! Que vergonha!

NATÁLIA MÜHLEMBERG

Ela enxugou as lágrimas com a manga do vestido. Tirou seu colar. Ele tinha um pingente de jade. O colocou na mão de Mateo e fechou os dedos do homem em torno do colar.

— Ouça bem, daqui seis anos, nós iremos nos reencontrar no bordel de onde eu saí. Se eu estiver usando o pingente igual a este é porque ainda te amo e quero estar contigo. Se não, por favor, não faça uma cena, Mateo. — Ela suspirou. — Você não deve me esperar de qualquer forma. Viva a sua vida, ache uma moça que realmente goste de ti. Não me procure nos lugares, nas multidões.

Eles se abraçaram. E ela se afastou.

— Adeus, Mateo. O último bonde logo mais passa.

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

— Tu não cansas de esperar por um rabo de saia que não quer nada contigo, Mateo? — perguntou Jocasta. — Um mês vendo a sua cara e eu não aguento mais. — Ela soltou uma risadinha, servindo o homem mais uma cerveja.

— Ela vale qualquer atraso desse mundo, Jô — respondeu o homem, com os ombros encolhidos.

— Na minha terra a gente chama isso de corno, isso sim. Tanta mulher por aí e você sofrendo pela defunta — provocou Jocasta.

O bordel estava cheio naquela noite. Vozes lotavam o espaço junto com os corpos de homens e mulheres. Um barulho de vidro quebrando e uísque sendo derramado no piso chamou a atenção de

NATÁLIA MÜHLEMBERG

todos no ambiente. Mateo estava sentado em uma mesa mais distante, virada para a porta.

Ele tirou o colar de jade do bolso interno do paletó. Apertou em sua mão e olhou esperançosamente para a porta de entrada. Dona Flor apareceu na sua frente.

— Ela não vai aparecer meu filho. — Sorriu penosamente para o homem. — Vai para casa.

Quando Mateo ia responder, uma voz ecoou pelo salão.

— Dona Flor! Dona Flor! Você não acredita quem está aqui! — Gabriela apareceu correndo. O baque que ela deu na mesa fez com que um copo caísse e quebrasse. — Olá, meu docinho!

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

— Quem, menina afobada? Vai arranjar um pano e limpar isso daqui! — Dona Flor fez para que ela saísse com as mãos no ar.

— A Zélia! Deolinda! Ou sei lá o nome que ela usa agora — Gabriela saiu rindo.

Dona Flor e Mateo levaram sua atenção para a entrada do salão. Uma mulher com vestimentas chiques e joias caras olhava em volta. Examinava cada pedaço do ambiente e mantinha uma feição de “quem havia comido e não gostado”. Seu olhar se fixou na mesa de Mateo e ela veio na direção dos dois.

— Dona Flor! — disse sorrindo. — Mateo. Você realmente está aqui depois de todos esses anos.

NATÁLIA MÜHLEMBERG

Os três se encaravam. Mateo apertava os punhos contra a madeira da mesa. Dona Flor olhava para todos os lados, procurando por alguém.

— Parece que o gato comeu a língua de vocês... — ela sorriu novamente.

— Zélia, você realmente veio. — Mateo engoliu em seco.

— Sim, eu faço uma visita anual à Dona Flor e à casa. Tenho dinheiro o suficiente para ajudar essas meninas e dar uma vida decente para elas. E você, Mateo?

— Procurei por você em todos os cantos! — ele disse, exasperado. — Anseio por sua volta desde o momento em que aquele bonde partiu.

Zélia mexeu com os cabelos. Ela soltou uma risadinha inaudível. Dançou por alguns segundos

BONDE DA MEIA NOITE, QUE VAI E NÃO VOLTA

com o tango que o pianista tocava. Ela colocou a mão dentro do decote do vestido e puxou toda a joalheria para fora. Havia um lindo colar de pérolas.

— Tu vêes algum pingente de jade em mim, Mateo? Igual esse que tu seguras tão fortemente entre os dedos? — Ela riu cinicamente quando ele a olhou, desolado. — Eu te disse pra seguir a sua vida. — Seu olhar carregava tristeza. — Você não merecia isso. Mas pediu por, tantos anos depois.

CAMILA HICKENBICK

Sentada completamente nua frente à janela, sequer parece passar pela sua cabeça o possível olhar de vizinhos. Aliás, não completamente nua. Esquecera, ou ao menos parecia ter esquecido, de tirar suas sapatilhas pretas. O céu laranja reflete em sua pele agressivamente branca, criando, com a poltrona azul onde está sentada, uma bela paleta de cores. Esse espetáculo parece fugir do seu foco, como costumam parecer pessoas representadas em pinturas, sempre tão alheias à sua própria beleza. Mas ela não era uma pintura, e tampouco parecia uma pessoa, assemelhando-se mais a um espectro fantasmagórico.

De súbito, se levanta, com a calma de um deus, e começa a dançar de maneira compassada pelo pequeno quarto não mais tão alaranjado. Tudo

DESCOMPASSO

o que se ouvia eram longínquos sons urbanos. Carros e vozes que pareciam estar a universos de distância. E, de certa forma, estavam. Em meio à sua dança mística, tropeça em uma caixinha retangular vazia. Era apenas uma das diversas embalagens espalhadas pelo chão. Elas eram o caos em meio a um quarto tão limpo e minimalista. O contratempo não parece a incomodar. Dá um salto por cima dos restos mortais e aterrissa com perfeição, como se aquilo tudo fosse parte de sua planejada coreografia.

Sorrindo, começa a girar. Lentamente, a princípio, mas gradativamente torna-se frenética. Parece ouvir uma música só sua, que se torna cada vez mais turbulenta. Lágrimas escapam de seus olhos, mas o sorriso se mantém fixo no rosto ávido.

CAMILA HICKENBICK

Seus cabelos longos voam por todos os lados. Trôpega, para, ajoelhando-se. Seus movimentos acompanham a tontura momentânea e ela se dirige ao parapeito da janela. Apoia as duas mãos nas bordas e sobe. O vento mantém seus cabelos voando, o sorriso continua lá. Ela observa a cidade cinza, sem vê-la realmente. Ergue o pé como se fosse dar um passo em direção ao infinito e dá a volta, ficando de costas para a rua inquieta.

Inclina-se para trás, sendo as pontas de seus dedos a única coisa separando-a do abismo. Isso parece diverti-la, e agora baila com a ideia. De maneira mais lenta, mas ainda dançando, salta do parapeito e aproxima-se da caixa que jaz no chão, abrindo-a com curiosidade, como não lembrasse o que lá havia. Vazia. Procura entre as outras caixas e,

DESCOMPASSO

após se deparar com muitas que estavam vazias, finalmente acha uma cujo conteúdo parece lhe agradar. De lá, retira os comprimidos restantes. Com as mãos trêmulas, e de uma só vez, toma mais nove pílulas. Ela boceja e seus olhos começam a pesar. Deita-se no chão, acolhendo-o como um velho amigo que não vê há tempos. E o sorriso continua lá.

MIGUEL SIQUEIRA

Nenhum barulho era ouvido. Um casarão espaçoso, edificado por paredes recobertas de insistentes rachaduras. Nelas, estavam pendurados quadros de bordas douradas, os quais abrigavam as fotografias amareladas da família. O piso de taco com suas partes esburacadas, pondo à vista o escuro mofo do chão, deixava capenga o armário vermelho das longas taças de cristal, impregnadas pela poeira. O sofá azul desbotado e as orquídeas murchas, quase mortas, compunham a sala de estar, enquanto as engrenagens enferrujadas do relógio faziam dele apenas mais uma decoração. Era obsoleto, sem funcionalidade, sem vida. Todos esses objetos. Todo esse... silêncio.

— Eu desço dessa solidão... Espalho coisas sobre um chão de giz.

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

Uma garota escutava música no volume máximo e cantarolava sozinha. A jovem, de rosto cavernoso, grandes olhos castanhos, envoltos por olheiras vermelhas, e de longos cabelos loiros, orquestrava seus dedos pelo teclado do computador portátil. Suas pernas, vestidas por uma calça azul, se remexiam insistentemente debaixo da mesa, enquanto sua camisa colorida acompanhava os movimentos ritmados de seu corpo.

— Há meros devaneios tolos a me torturar...
Fotografias recortadas... Em jornais de folhas...
Amiúde!

E ela cantava. Porém, a canção provinda dos sofisticados fones auriculares sem fio não desviava em nada o olhar fixo com o qual ela encarava o notebook. A luz branca desse aparelho, contornando

MIGUEL SIQUEIRA

sua face, não continha um conteúdo cheio de partituras: eram números e mais números. Vinte e três equações compunham a lista de exercícios. Do seu lado direito, um calhamaço com várias folhas de papel, preenchido por contas justapostas. E do seu lado esquerdo, estavam alinhados de forma decrescente uma caneta, dois lápis e uma borracha com a ponta desgastada, cujo pó espalhado pela mesa era o único elemento desorganizado daquele microcosmo.

— Eu vou te jogar... Num pano de guardar confetes... Eu vou te jogar... Num...

— Olívia!!! — berrou uma voz ao fundo.

— O quê? O quê? — respondeu a jovem, retirando os fones do ouvido e pausando a música.

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

— Por que motivos você está aqui?! Estava tentando te ligar há horas! Mas agora sei a razão. A mesma Olívia escutando essas músicas velhas - esbravejou.

— Velhas... Relativo. Boas... Isso sim, uma certeza.

— Não me venha com esse papo. E até parece, né? Você não faz um curso de humanas ou algo do tipo. Você é engenheira. Engenheira! — continuou com o tom alto na fala.

— Uhum... Engenharia, Música... Pi, pi, pi...
Po, po, po.

— Ahhh, menina! Me respeita, sou sua irmã mais velha!

— Por três minutos.

MIGUEL SIQUEIRA

— Larga de ser chata! E pare de desviar do assunto. Agora, por que você está nessa casa velha, caindo aos pedaços? Cheia dessas quin... quique... Aquela palavra que você gosta de usar!

— Quinquilharias, Rafaela.

— Isso, isso. Olívia, falando sério... É muito estranho se isolar assim na casa da bisa. Aqui é longe de tudo, e o pior é que nem tem ninguém que você possa minimamente conversar. Estamos todos passando por momentos difíceis, eu sei. Não será sozinhos que vamos superar essa situação — diminuiu o tom voz e se aproximou de Olívia, colocando suas mãos sobre o ombro da irmã.

— É, concordo. Mas eu gosto daqui. É reconfortante, sem todo aquele movimento de pessoas... É calmo. Apenas eu, meus exercícios e

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

minhas músicas preferidas, mesmo que velhas. Hum... acho que esse casarão mantém minha paciência intacta — afastou o ombro para longe.

— Tu não tens jeito, garota. Já vou embora, tenho muitas coisas para fazer, dia cheio! Sabe como é, né? Manda mensagem caso precise de mim.

— Não, eu não sei — sussurrou consigo, colocando de volta os apetrechos auriculares, mas sem qualquer tipo de música tocando.

Os passos acelerados de Rafaela foram aos poucos abafados pelo revestimento de taco do chão. O silêncio imperava soberano mais uma vez no cômodo. Olívia amarrou o emaranhado de fios do seu cabelo, que ganhou um volume notório após a conversa com a irmã. Depois, passou as mãos sobre o rosto, esfregando a região avermelhada próxima

MIGUEL SIQUEIRA

aos olhos. Também fechou o último botão de sua camisa colorida, que havia saído do local habitual. Por fim, inspirou fundo e puxou a cadeira para mais próximo da mesa. Estavam retomadas as equações.

O atrito entre o vértice pontiagudo e o branco papel, somado ao virar de folhas daquele calhamaço pomposo que continha os exercícios, passaram a ser os únicos ruídos presentes no lugar. E assim foi. A garota escrevia, apagava, corrigia e escrevia de novo. Suas mãos suavam como se estivessem no dia mais quente de verão. Alguns calos antigos, ásperos, se tornavam cada vez mais evidentes. A palidez da folha foi de pouco em pouco sendo substituída por um nebuloso aspecto cinza, contaminado por equações capciosas. Levou-se cerca de 20 minutos até ela soltar o lápis e dar um

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

descanso aos braços há tanto tempo tensionados. No topo da página do computador, estava indicado o progresso da estudante: um exercício.

Sim, somente um. Porém, a simples unidade não faz jus ao seu tamanho. A questão acabou tomando uma página e meia e fora refeita no mínimo três vezes. Depois do breve repouso dos braços, a garota alongou as costas e expirou o ar pesado do quarto, permeado de poeira. Ela esboçava uma expressão de desconforto e franzia as sobrancelhas. Ajeitou a meia mal colocada no pé e amarrou seu delicado tênis rosa claro. O alongamento chegara ao fim, mas a feição enrugada não saía de Olívia. Ela coçou a ponta do nariz e depois, por alguns bons segundos, manteve a mão sob o queixo.

MIGUEL SIQUEIRA

— Como sou burra — sussurrou a garota, levando a mão ao bolso.

A jovem retirou um pequeno pano de sua carteira. Era modesto, não muito maior que um guardanapo de restaurante, com um discreto filete azul costurado à mão. Ele envolvia um adesivo amarelo, ainda menor, que devia medir no máximo cinco centímetros de comprimento, todo marcado por fórmulas de cálculo, física avançada e álgebra. Estavam todas espremidas, minúsculas. Quando já tinha o papelzinho amarelado em sua posse, acionou a caneta posicionada do lado esquerdo da mesa e começou a circular o formulário necessário. Findada a ação, ela guardou o pano, expirou e esboçou um sorriso discreto, que destacava as rugas logo acima da boca.

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

— Filha! Filha! Está aí? — gritou uma voz masculina.

— Oi... — Olívia retirou os fones de ouvido, fechou os olhos e colocou as mãos sobre o rosto.

— Por onde você andou?! Tentei te ligar o dia todo e você não atendia! — o homem estava enfurecido e gesticulava sem parar — É muito fácil desaparecer sem mais nem menos... Querida. O duro é arcar com as consequências!

— Desculpa... Meu celular não recebeu nenhuma ligação, posso te provar! — ela estendeu os braços e mostrou a tela do aparelho, que não continha nenhuma chamada perdida — E eu estava...

— Aham, certo. Não me venha com suas desculpas esfarrapadas!

MIGUEL SIQUEIRA

— Mas... — foi interrompida mais uma vez.

— Como eu estava dizendo, consequências. Quando fazemos caprichos de nossa própria vontade, temos que lidar com isso. O problema é jogar tudo nas costas dos outros, dona Olívia — a voz profusa ecoou por todos os cantos do cômodo.

— Eu estava fazendo o que me cabia. Estudar é meio que meu futuro. Aliás, é meu único...

— Que egoísmo, minha filha. Não sei se está lembrada, mas você tinha ficado de me ajudar na empresa hoje, que está um circo pegando fogo nesses últimos dias. E eu lá, todo idiota, esperando a boa vontade da senhorita — apontou o dedo para Olívia.

— Eu desmarquei esse compromisso ontem. Como disse na mensagem que mandei para o

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

senhor, estou atolada com o trabalho da faculdade. Sabe, eu gosto...

— Trabalho, querida. Até parece que uns números ali e outros aqui podem ser chamados assim. Trabalhar é coisa séria... Pesada. Seus 24 anos ainda não te ensinaram isso, pelo visto.

— 23, pai... Como estava dizendo, eu gosto mesmo do que faço. Me sinto de certa forma... Útil — evitou contato visual com o pai.

— Tu és a cópia da tua mãe mesmo. As duas e suas manias de grandiosidade. Botam tudo e todos à vontade de vocês. Não sabem ouvir não. Só querem sim, sim e sim. Não sei, mas em certos momentos penso que foi justamente por isso que...

— Que você nos deixou — foi a vez da garota interromper a fala do homem.

MIGUEL SIQUEIRA

Os dois se entreolhavam. Apenas o barulho constante da ventilação do computador era ouvido, pois, de resto, o silêncio tomara conta do lugar.

— É... por aí... — mais calmo, o pai engolia em seco e se sentou no braço do sofá da sala — Não é bem assim, as coisas foram se tornando cada vez mais complicadas.

— Entendo — respondeu a jovem, voltando a atenção para a lista de exercícios.

— E ela... Está melhor? — cabisbaixo, as palavras mal saíam de sua boca.

— Ainda no hospital. O doutor ficou de me mandar notícias.

— Entendi — o pai se levantou do sofá — Olha... Depois acabamos nossa conversa. Vou

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

trabalhar no período noturno hoje também. Dia difícil.

— Por mim, tudo bem.

— Então, até mais. Pai te ama — ele se aproximou da jovem e lhe deu um beijo na testa.

— Tchau... Beijo — continuou focada na lista de exercícios e não se mexeu com a despedida.

Desta vez, nem os tacos foram capazes de abafar os passos. O andar pesado da figura paterna reverberou por todo o cômodo. Olívia, agora de olhos fechados, permanecia quase imóvel, respirando de forma contida. Com os ouvidos atentos, ela acompanhava os ruídos das passadas aceleradas com a cabeça. Certificou-se de que nenhuma fagulha sonora adicional fosse produzida. Depois de bons instantes em estado fixo, a jovem

MIGUEL SIQUEIRA

voltou a esboçar reação ao abrir seus olhos castanhos. Olhou para a folha inacabada de exercícios, cinzenta. Olhou para o pó de borracha espalhado por toda a mesa, descontínuo. Olhou para os lápis e a caneta, que não estavam em seu lugar de costume. Olhou para as mãos e viu os calos, marcas impiedosas da labuta.

— Só preciso das minhas fórmulas, da minha música e dos meus exercícios — sussurrou — Repita, Olívia. Só preciso das minhas fórmulas, da minha música e dos meus exercícios.

A estudante pregou o pequeno adesivo amarelo na quina de seu computador, deixando bem à vista as fórmulas necessárias. Depois, tratou de reorganizar o calhamaço volumoso e rever o progresso que havia feito até então. Ela respirou

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

fundo e recolocou seus fones de ouvido sem fio. Dessa vez, a trilha sonora apareceu, ou melhor, foi ouvida. A ampla lista musical da jovem perambulava pelos espaços vazios do cômodo, facilitada pelo volume máximo dos apetrechos musicais. Aquele exercício único logo se transformou em dois, que por sua vez se tornaram quatro. Sete. Treze. Dezoito. Vinte e dois. Em contraste à previsão anunciada pelo tempo gasto na primeira questão, a lista se tornara um dever rápido de se fazer. Apesar de sua competência, as olheiras do rosto cavernoso de Olívia estavam no auge da coloração avermelhada, e seus longos cabelos, esvoaçados. As rugas lhe marcavam a testa e a região acima da boca. As pernas, vestidas pela calça

MIGUEL SIQUEIRA

jeans, se remexiam com menos força. E veio o vigésimo terceiro. Junto, um toque do celular.

— Alô.

— Aqui é o Doutor João. Eu falo com a Olívia? — disse com uma voz grossa, penetrante.

— Ah, claro. Tudo certo com o senhor?

— Estou bem, obrigado. E a senhorita, como está?

— Um pouco cansada, mas muito bem também — colocou as mãos sobre o rosto — Posso perguntar qual o motivo da ligação?

— Então, acho que poderemos conversar melhor pessoalmente. Mas o motivo de minha chamada é... Um pouco... Delicado. Primeiro, você está sentada em algum lugar?

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

— Estou sentada há um bom tempo — olhou para baixo, percebendo que seu cadarço estava outra vez desamarrado — Prefiro que me diga logo o que está acontecendo.

— Bom... O caso da senhora Antônia teve um agravamento severo no decorrer das últimas horas... Sua mãe, ela... Se encontra na UTI. Quero que saiba que estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance. Não mediremos esforços para... — é interrompido.

— Certo... O que posso fazer?

— Gostaria que viesse o quanto antes para nossa unidade de atendimento. Também acho importante que avise seus entes queridos ou mesmo os amigos mais próximos, pois afinal... Não será um momento fácil. Todo apoio é bem-vindo.

MIGUEL SIQUEIRA

— Tudo bem... Seguirei suas instruções, Doutor.

— Ótimo... Sua esperança, sua... Sua paciência nos mantém trabalhando para... — sua fala foi interrompida pelo fim abrupto da chamada, feito pela jovem.

Olívia se manteve quieta. Como era final de tarde, os últimos raios solares rebatiam na branca parede da sala, recoberta de rachaduras, e quase deixavam invisíveis as recordações fotográficas amareladas da família. Nesse exato instante, como um ciclo, a mesma canção que delimitou o início do trabalho da menina ganhou voz nos fones de ouvido. A estudante, que havia terminado os exercícios, resolveu guardar o precioso papel amarelado que continha as várias fórmulas. Para isso, pegou sua

UM PANO DE GUARDAR CONFETES

carteira e de lá retirou o delicado tecido. Ao abri-lo, uma pequena fotografia escorregou até seus dedos. Os olhos se arregalaram. As mãos se tornaram trêmulas. As pernas, antes inquietas, agora estavam congeladas. Olívia levou sua mão até o peito, na altura do coração. Pôde-se perceber como seus dedos saltitavam com as batidas cardíacas. Eram mãe e filha, esquecidas dentro de um pano modesto com detalhe azul.

— Eu vou te jogar... Num pano de guardar confetes — cantarolou Olívia, enquanto encarava as engrenagens enferrujadas do relógio.

TÁSSIA O. KOLLNBERGER

Em meio a uma chuva de aplausos, Jonas ouviu o zumbido de motor sinalizando que aquela bateria terminara. Recarregou a arma que empunhava, esperando o destruído alvo em forma de tronco humano ser substituído por um novinho em folha. Não era possível contar quantos tiros haviam sido disparados, já que todos acertaram o mesmo lugar sempre: o peito esquerdo da vítima. Ao resmungar sobre centímetros para a direita, seu instrutor pigarreou atrás dele, antes do *clic* final soar.

— Um dia essa tua pontaria vai te custar um trabalho. — Jonas deu uma risada leve e recolocou os protetores auriculares.

— É por causa dela que eu *tenho* um trabalho. — E disparou.

MARCADO COM UM X

Os últimos passarinhos nas redondezas do campo de treino piaram e voaram para longe com o barulho. Todos os participantes da rodada se levantaram com murmúrios de indignação e descontentamento. Alguns reclamavam da sujeira da roupa, outros da precariedade dos obstáculos e esconderijos, outros de sua condição física, mas a maioria resmungava sobre a série de vitórias invictas de Robert. Grunhindo de dor com o último tiro, o seu companheiro se inclinou sobre a prancheta mais uma vez.

— Uiuui, doeu até em mim! — Robert limpou o suor da testa enquanto se aproximava

TÁSSIA O. KOLLNBERGER

dele. — Na bunda? Essa é nova. — O outro deu de ombros.

— Sei lá, tava sem ideia hoje. Foi o que veio na hora, daí *pá!* Anotou tudo certinho?

— Sempre improvisa e mesmo assim é sempre tu que volta *c'oa* cabeça do cara. Bastardo. Deve é ser essa tua tal moeda da sorte. E você sabe que eu sempre anoto.

O restante dos participantes se aglomeraram para ouvir os resultados conquistados.

— Doherty: 15. Falk: 27. McLemore: 34. Wynn: 38. Walker: 41.

Enquanto o ranking era revelado, Robert deixou a área do circuito para trás e foi arrumar suas malas.

MARCADO COM UM X

Em algum lugar do Brooklyn, Jonas estava sentado em um bar, ao lado de uma mulher bem-vestida. Ela havia chegado alguns minutos antes com o baque dos saltos no piso e uma mala de couro bordô. Ela havia trocado meia dúzia de palavras com o homem, que, em seguida, se calou e abaixou o chapéu cobrindo o olho. Apenas o tintilar dos copos sendo limpos pelo *bartender* preenchia o ambiente, até que o arranhar de uma moeda girando contra o balcão se juntou a ele.

Ao dar o gole final em sua bebida, Robert aquietou a moeda com a qual brincava e chamou o rapaz para perto de si, lhe entregando uma nota

amassada e colocando o disco de metal como gorjeta no bolso de sua camisa manchada.

O menino sorriu em agradecimento antes de voltar a secar os copos. Só voltou a erguer a cabeça quando ouviu o arranhar da cadeira de Robert.

O súbito barulho fez Jonas rapidamente apanhar a arma da cintura e apontar para o jovem bartender, que colocou as duas mãos trêmulas para cima.

— Eu que vou para Dubai, Robert. — O oponente inclinou a cabeça e deixou um *tsk* escapar da garganta.

— Isso depende de quem vai pertencer a bala alojada no nosso amigo pálido ali. E Dubai, Jonas, sério? — O outro apertou mais o cabo da arma, enquanto a mulher continuava a tomar seu

MARCADO COM UM X

café, calmamente, esperando o desenrolar da situação.

Assim que o agudo de sua xícara contra o pires soou, duas explosões de pólvora ensurdeceram todos no estabelecimento. O atendente caiu no chão, atingido por um único projétil, no lado direito do estômago.

A mulher respirou fundo, levantou de sua cadeira com a mala em punhos e caminhou até Robert, abrindo-a para que ele pudesse ver seu conteúdo. Aceitou o prêmio triunfante, ao passo que ela se retirou sem nenhum contato a mais.

— Se antes eu já era o mais rápido, com essa lindeza, então! — Assobiou para completar o pensamento. — E que Dubai, o quê, a Ásia inteira entrou na lista com tudo isso.

TÁSSIA O. KOLLNBERGER

Jonas ficou parado com a testa franzida e expressão confusa.

Observando a expressão do velho conhecido, Robert circundou o balcão até o corpo estendido no chão. Retirou do bolso da camisa do defunto a sua moeda, que agora estava completamente deformada pela bala do rival, e lhe entregou o objeto.

— Um tiro marcado só funciona até descobrirem onde é a marca, meu amigo. Nos vemos na próxima.

Pulou o balcão e desapareceu na noite gelada, carregando a pomposa maleta ao seu lado.

Primeira Edição
Jan/2020

AUTORES (Ordem Alfabética)

Ana Laura Cancelier
Beatriz Moreira Silva Gonçalves
Camila Hickenbick Kobarg da Costa
Carolina Daudt Stein
Cristiano João Gobbi Guilardi
Giovanni de Sousa Vellozo
João Vitor Antunes Camargo
Kristel Hemmer Casagranda
Larah Kuehnrich Biavatti Roncalio
Lucas Jaques Duarte
Luna Vanzella
Mariane da Silva
Marina Tancredo
Matheus Brasilino Ferreira
Miguel Siqueira
Natália Mühlemberg
Sergio Anansi
Shelly Rambor
Sofia d'Ávila
Tássia Odebrecht Kollnberger
Tiago Sottomaio Saccetti
Vitor Pama Krowczuk

CAPA

Ana Laura Cancelier
Natália Mühlemberg
Tiago Sottomaio Saccenti
Vítor Pama Krowczuk

PROJETO GRÁFICO

Mariane da Silva
Matheus B. Ferreira
Sérgio Anansi
Shelly Rambor
Sofia d'Ávila

REVISÃO

Camila Hickenbick Kobarg da Costa
Carolina Daudt Stein
Cristiano João Gobbi Guilardi
Kristel Hemmer Casagrande
Larah Kuehnrich Biavatti Roncalio
Luna Vanzella
Shelly Rambor

ORGANIZAÇÃO

Beatriz Moreira Silva Gonçalves

Giovanni de Souza Vellozo

Miguel Siqueira

Tássia O. Kollnberger

EDITORA CHEFE

Marina Tancredo